



**POLITÉCNICO
DO PORTO**



ESTUDO DO EMPREENDEDORISMO NO SISTEMA DE ENSINO EM ANGOLA CASO DA PROVÍNCIA DO KUANZA SUL

Manuel Raúl João

Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Bragança para obtenção do
Grau de Mestre em Gestão das Organizações - Ramo de Gestão de Empresas

**Orientada pela Professora Doutora Paula Odete Fernandes
Coorientadora Professora Lídia Galvão Praça**

Bragança, dezembro, 2014.



**ESTUDO DO EMPREENDEDORISMO NO SISTEMA DE ENSINO EM ANGOLA
CASO DA PROVÍNCIA DO KUANZA SUL**

**Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Bragança para obtenção do Grau
de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de Empresas**

Manuel Raúl João

**Orientada pela Professora Doutora Paula Odete Fernandes
Coorientadora Professora Lídia Galvão Praça**

Bragança, dezembro, 2014.

Resumo

O presente estudo tem por objetivo, avaliar a capacidade empreendedora, no sistema de ensino angolano, caso da província do Kuanza Sul, entre os estudantes do ensino técnico. Para recolher os dados, aplicou-se inquéritos por questionário aos estudantes do primeiro ao terceiro ano, com idades compreendida dos 14 aos 54 anos. Fez-se uma análise sociodemográfica, percepção sobre o futuro dos inquiridos e a análise de capacidade empreendedora.

A amostra é constituída por 655 estudantes. Assumiu-se um erro amostral de 3,51%, um nível de significância de 5%. Das 20 províncias, o Kuanza Sul teve maior expressão. A nível de escolas, foi o Instituto Médio Politécnico do Sumbe e o Centro de Formação Profissional do Cuacra que tiveram maior expressão.

Dos resultados obtidos observou-se uma predisposição para o empreendedorismo e existência de diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográficas (sexo, sistema de ensino) relativamente à Capacidade Empreendedora. Ainda, registou-se, uma relação entre Capacidade Empreendedora e as Dimensões Independência, Criatividade, Motivação, Autodisciplina, Autoconfiança, Capacidade de risco e a experiência empresarial familiar. Salientar que 59%, dos inquiridos tem um familiar próximo empresário. Observou-se, também, que 318 indivíduos já tiveram alguma atividade remunerada, pretendem trabalhar na função pública após o término das suas graduações, criar uma empresa e o seu próprio negócio. A curto prazo, esperam no máximo 2 anos, para iniciar e montar um negócio, beneficiará o mercado angolano e local. Os riscos temidos são os do negócio falir e incertezas no rendimento. Os entraves à criação de empresas em Angola são a burocracia e dificuldades em obter financiamentos (bancos, capital, de riscos, etc.). Acreditam que o sistema educativo angolano desenvolve predisposição para criarem a própria empresa.

Palavras-Chave: Empreendedor, Empreendedorismo, Sistema de Ensino, Kuanza Sul, Angola.

Abstract

This study aims to assess the entrepreneurial capacity in the Angolan education system, case of Kwanza Sul province, among students of technical education. To collect the data it was applied questionnaire surveys to students from first to third curricular year, with ages between 14 to 54 years. A socio-demographic analysis, perception about the future of the respondents and the entrepreneurial capacity has been made.

The sample consists of 655 students. It was assumed a sampling error of 3,51%, a significance level of 5%. Of the 20 provinces, the Kwanza Sul had more expression. The *Instituto Médio Politécnico do Sumbe* and the *Centro de Formação Profissional do Cuacra* that achieved more expression.

From the results it was observed a predisposition to entrepreneurship and there are statistical differences by variable socio-demographic characteristics (gender, education system) for the Entrepreneurial Capacity. Also, there was a relationship between Entrepreneurial Capacity and dimensions Independence, Creativity, Motivation, Self-discipline, Self-confidence, Risk capacity and the family business experience. Point out that 59% of respondents have a close business owner. There was also that 318 individuals have already had some paid work, want to work in the public service after the completion of their degrees, start a business and your own business. In the short term, expect a maximum of 2 years to start and set up a business, benefit the Angolan and local market. The dreaded risks are the business fail and uncertainties in income. Barriers to the creation of companies in Angola are the bureaucracy and difficulties in obtaining financing (banks, capital, risk, etc.). They believe that the Angolan education system develops predisposition to create the company itself.

Keywords: Entrepreneur, Entrepreneurship, Education System, Kuanza Sul, Angola.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo evaluar la capacidad emprendedora en el sistema educativo de Angola, el caso de la provincia de Kwanza Sul, entre los estudiantes de la educación técnica. Para recoger los datos se aplicaron cuestionarios a los estudiantes del primero a tercer año curricular, con edades de entre 14 y 54 años. Un análisis sociodemográfico, la percepción sobre el futuro de los encuestados y el análisis de la iniciativa empresarial se ha hecho.

La muestra se compone de 655 estudiantes. Se asumió un margen de error de 3,51%, un nivel de significación del 5%. De las 20 provincias, el Kwanza Sul tuvo más expresión. A nivel de las escuelas, fue el *Instituto Médio Politécnico do Sumbe* y el *Centro de Formação Profissional do Cuacra* que presentaron resultados más elevados.

De los resultados se observó una predisposición a la iniciativa empresarial y hay diferencias estadísticas por características variables sociodemográficas (sexo, sistema de educación) para la Capacidad Emprendedora. Sin embargo, había una relación entre la Capacidad Empresarial y de las dimensiones de la Independencia, la Creatividad, Motivación, Auto-disciplina, Confianza en sí mismo, Capacidad de riesgo y la experiencia de la empresa familiar. Señala que el 59% de los encuestados tiene un familiar empresario próximo. Aún, 318 personas ya han tenido algún trabajo remunerado, quieren trabajar en el servicio público después de la finalización de sus estudios, iniciar un negocio y de su propio negocio. En el corto plazo, es de esperar un máximo de 2 años para iniciar y establecer un negocio, benefician al mercado angoleño y local. Los riesgos temidos son el negocio falla y la incertidumbre en los ingresos. Las barreras a la creación de empresas en Angola son la burocracia y las dificultades para obtener financiación (bancos, el capital riesgo, etc.). Ellos creen que el sistema educativo angoleño desarrolla predisposición para crear la propia empresa.

Palabra clave: Emprendedor, Espirito Empresarial, Sistema de Enseñanza, Kuanza Sul.

Dedicatória

Dedico a Deus poderoso pela, força coragem e empenho, nesta caminhada, aos meus pais André Manuel (André Chora) e Florinda Raúl João, a minha Avó materna, Domingas Joaquim Espelho, que depois de muita luta consegue hoje saborear os frutos dignos de seus netos, em memória a minha Avó paterna Rosária Catraio (Avó Mbule) que não pude usufruir os frutos dos seus netos, que a sua alma descansa em paz.

Aos meus tios Alegria Raúl Joaquim, António Juscelino de Oliveira e Januário Raúl João, pelo apoio, força, coragem e recomendações que nunca faltou deles.

Aos meus irmãos Júlio Raúl João, António Joaquim Monteiro, Sandra Monteiro, que sempre deram-me força e coragem, a minha esposa Kathiana Wesa Bonito, aos meus filhos Alenuel Alegria e Cristina Piusna, meus sobrinhos Alexandre, Bruna, Cleusa, Edy e Ngombe.

Agradecimentos

Sem o senhor nosso Deus, que me acompanha e me dá forças para seguir em frente para trilhar nesta longa caminhada, se calhar não conseguiria alcançar os meus intentos, porque houve muitas peripécias ao longo deste período desde a conclusão do plano curricular, as viagens de Angola para cá e vice-versa, até à elaboração da dissertação. As minhas orientadoras pela orientação e disponibilidade em orientar-me ao longo deste tempo e pela maneira como concederam-me os aconselhamentos metodológico, acompanhamento no decorrer da investigação, processo de escrita, tratamento de dados, concessão de dispensas e puxões de orelha quando necessário.

O meu muito obrigado mesmo, a mãe e professora Doutora Paula Odete Fernandes e a professora Lídia Galvão Praça.

A todos os professores do Mestrado de Gestão das Organizações pelo apoio, incentivo e encorajamento, o diretor Geral do Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul, Engenheiro Manuel Octávio Spínola, a presidência do Instituto Politécnico de Bragança, pela visão estratégica em estabelecer o protocolo com o ISP - Kuanza Sul, os subdiretores pedagógicas do Instituto Nacional de Petróleo, Instituto Médio Politécnico do Sumbe, Instituto Médio Agrário da Cela no Waco Kungo, Centro de Formação Profissional do Cuacra, Instituto Médio de Saúde do Sumbe.

Aos coordenadores do Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego do Sumbe, Pavilhão de Artes e Ofício da Gabela no Amboim, ao chefe de departamento provincial da educação do Kuanza Sul Moisés Jimbi, ao meu chara e irmão Engenheiro Manuel Mateus Alexandre, ao amigo e mano Cândido Miguel (Ti Canducho), a minha família, colegas, amigos e vizinhos da Domus 2 que se disponibilizaram em me apoiar nesta tarefa árdua.

Culmino agradecendo a todos estudantes que se disponibilizaram em responder os inquéritos, aos meus colegas de quarto, os da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Bragança em especial os Senhores Victor Correia, Armando, Sérgio, Luís Filipe, Ivo Mendes, Santos Pera, Melissa, entre outros, os do Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul em especial o Peltier Aguiar (Telhaço), Orlando Santos, Damilton António, Aristides, aos colegas moçambicanos e a comunidade africana em geral.

Siglas

ACPEF – Apoio a Criação da Pequena Empresa Familiar

ANGOP – Agência de Notícias Angola *Press*

BPC – Banco de Poupança e Crédito

BÚE – Balcão Único do Empreendedor

CEE – Condições Estruturais do Empreendedorismo

CFPC – Centro de Formação Profissional do Cuacra

CLESE – Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego

Ex EFTS – Ex Escola de Formação de Técnicos de Saúde

EFPKS – Escola de Formação de Professores do Kuanza Sul

FACRA – Fundo de Apoio Público de Capital de Risco

GEM – *Global Entrepreneurship Monitor*

I & D – Investigação e Desenvolvimento

ILE – Iniciativa Local de Empreendedorismo

IMAC – Instituto Médio Agrário da Cela

IMSS – Instituto Médio de Saúde do Sumbe

IMPS – Instituto Médio Politécnico do Sumbe

INAPEM – Instituto Nacional de Apoio a Pequenas e Médias Empresas

INP – Instituto Nacional de Petróleos

INEFOP – Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional

INIDE – Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação

ISPKS – Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul

MAPESS – Ministério da Administração Pública Emprego e Segurança Social

MAPTSS – Ministério da Administração Pública Trabalho e Segurança Social

MINEC – Ministério da Economia

MPME – Micro Pequena e Média Empresa

PAI – Programa Angola Investe

PAOG – Pavilhão de Artes e Ofício da Gabela

PAJKS – Programa Angola Jovem no Kuanza Sul

PFAE – Programa de Fomento do Auto Emprego

PIB – Produto Interno Bruto

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento

PROAPEN – Programa de Apoio ao Pequeno Negócio

TEA – Taxa de Atividade Empreendedora

Índice

Lista de Figuras	xii
Lista de Tabelas	xiii
Introdução	1
1. Enquadramento teórico	3
1.1. O empreendedorismo e o empreendedor: conceitos e evolução.....	3
1.2. O empreendedor.....	4
1.3. Traços característicos do empreendedor.....	7
1.4. O empreendedorismo.....	9
1.5. Tipos de empreendedorismo.....	9
1.6. Fatores de fomento ao empreendedorismo.....	11
1.7. Importância do empreendedorismo para as economias.....	12
2. O empreendedorismo em Angola	13
2.1. Evolução e situação atual do empreendedorismo.....	13
2.2. Mecanismos de apoio ao empreendedorismo.....	14
2.3. Condições estruturais do empreendedorismo.....	16
2.4. O empreendedorismo nos sistemas de ensino.....	17
2.5. A implementação da disciplina de empreendedorismo nas instituições de ensino angolano.....	19
2.5.1. O ensino e implementação do empreendedorismo na província do Kuanza Sul.....	21
2.5.2. Instituições de ensino e planos curriculares na província do Kuanza Sul.....	23
2.6. Atividade empreendedora na província do Kuanza Sul.....	29
3. Metodologia de investigação	31
3.1. Objetivo do estudo e hipóteses de investigação.....	31
3.2. Instrumento de recolha de dados.....	32
3.3. Técnicas de tratamento de dados.....	34
3.4. População <i>versus</i> amostra.....	34
3.5. Caracterização da amostra e perceções sobre o futuro.....	35
4. Apresentação e Análise dos Resultados	45
4.1. Intenção empreendedora dos estudantes: Uma análise descritiva e exploratória.....	45
4.2. Validação das Hipóteses de Investigação.....	52
4.2.1. Os estudantes apresentam uma predisposição para o empreendedorismo.....	52
4.2.2. Variável de Caracterização Sociodemográfica (género, província) vs Capacidade empreendedora.....	53

4.2.3. Relação entre a Capacidade empreendedora e as diferentes dimensões.....	53
4.2.4. Associação entre a Capacidade empreendedora e a experiência empresarial familiar.....	54
4.2.5. Relação entre a Capacidade empreendedora e a idade.....	55
4.3. Fatores de natureza sociodemográfica vs Percepção sobre o futuro do estudante, por género.....	55
Conclusões e Futuras Linhas de Investigação.....	60
Bibliografia.....	63
Anexos.....	67

Lista de Figuras

Figura 1: Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul.....	24
Figura 2: Instituto Médio Agrário do Waco Kungo - Cela.....	24
Figura 3: Instituto Médio de Saúde do Sumbe.....	25
Figura 4: Instituto Médio Politécnico do Sumbe.....	26
Figura 5: Instituto Nacional de Petróleos.....	27
Figura 6: Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego.....	27
Figura 7: Centro de Formação Profissional do Cuacra.....	28
Figura 8: Pavilhão de Artes e Ofício da Gabela.....	29
Figura 9: Modelo de Capacidade Empreendedora e Traços Característicos do Futuro Empreendedor.....	32
Figura 10: Resumo das Estáticas Descritivas para as Dimensões/Traços Característicos.....	51
Figura 11: Traços Característicos do Futuro Empreendedor.....	55

Lista de Tabelas

Tabela 1: Fases de implementação da disciplina de empreendedorismo em Angola.....	21
Tabela 2: Dimensão vs Itens.....	33
Tabela 3: População vs Amostra.....	35
Tabela 4: Instituições de ensino vs Cursos ministrado.....	36
Tabela 5: Anos de escolaridade.....	37
Tabela 6: Género dos inquiridos.....	37
Tabela 7: Províncias de origem dos inquiridos.....	37
Tabela 8: Atividade profissional remunerada.....	38
Tabela 9: Familiar próximo que seja empresário.....	38
Tabela 10: Conhecimento sobre o Clese.....	38
Tabela 11: Percurso após terminar a graduação.....	39
Tabela 12: Possibilidades de vir a ter negócio próprio.....	39
Tabela 13: Tempo de espera após a conclusão da graduação para iniciar o negócio.....	39
Tabela 14: Tipo de mercado a beneficiar.....	40
Tabela 15: Receio para o início do novo negócio.....	40
Tabela 16: Entraves à criação de empresas em Angola.....	41
Tabela 17: Locais de ensino sobre a criação e gestão de um negócio.....	41
Tabela 18: Afirmções que mais se adequam às suas opiniões.....	42
Tabela 19: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Independência	45
Tabela 20: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Autodisciplina.....	46
Tabela 21: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Criatividade.....	47
Tabela 22: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Motivação.....	48
Tabela 23: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Capacidade de Risco.....	49
Tabela 24: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Autoconfiança.....	50
Tabela 25: Capacidade empreendedora vs Dimensão.....	52
Tabela 26: Valor de prova para os testes paramétrico e não paramétrico.....	53

Tabela 27: Relação entre a Capacidade Empreendedora e as Dimensões.....	54
Tabela 28: Fatores de natureza Sociodemográfica vs Perceção sobre o futuro do estudante.....	56
Tabela 29: Tempo de espera para início dos seus negócios.....	56
Tabela 30: Mercado a ser beneficiado pelos negócios.....	57
Tabela 31: Riscos temidos e Entraves para a criação de empresa em Angola e Iniciar um negócio.....	57
Tabela 32: Locais de ensino sobre a criação e gestão de um negócio.....	58
Tabela 33: Afirmções sobre o sistema educativo angolano em relação ao empreendedorismo.....	58

Introdução

O empreendedorismo e a capacidade de empreender surgem como forma de superar as dificuldades e necessidades que se sentem no dia-a-dia, quer nos lares, nos negócios, nos produtos ou no seio das organizações.

Em Angola, com o alcance da paz efetiva em 2002, bem como o registo da estabilidade política e o consequente desenvolvimento económico nos mais diversos setores do país, o setor do ensino, não se dissocia dos demais, com o aumento do número de salas de aulas, o recrutamento de mão-de-obra docente para o sistema de ensino angolano, e o crescente número de estudantes no sistema de ensino.

Nesta altura em que a crise financeira se sente por todo o mundo, aliado à queda do preço do barril de petróleo no mercado mundial, é importante desenvolver a capacidade de empreender, não só a nível profissional, mas também ao nível pessoal, promovendo uma atitude pró-ativa em que cada um faça parte da mudança que quer ver surgir.

O empreendedorismo está atualmente no centro da discussão dos principais agentes políticos e económicos, pois permite a criação de novas empresas ou o desenvolvimento de algo novo numa empresa existente, o que está diretamente relacionado com o crescimento económico de um país.

A temática empreendedorismo é um assunto de atualidade e prioridade governamental de acordo com o despacho n.º 214-A/10 do Ministério da Educação, publicado em Diário da República de Angola, de 5 de Novembro, I Série – n.º 21, que aprova os programas da disciplina de Empreendedorismo, a introduzir a título experimental, nos Planos de Estudo do Ensino Secundário, período diurno, nas escolas selecionadas, a partir do ano letivo 2010.

Com este propósito, é uma premissa para o iniciar de uma nova etapa no processo de ensino angolano, com a implementação do ensino do empreendedorismo no sistema de ensino, bem como o despertar das mentalidades no concernente à cultura empreendedora.

Com o presente trabalho, pretende-se analisar a intenção empreendedora dos estudantes no sistema de ensino angolano e na província do Kuanza Sul em particular. Visto que o empreendedorismo está a dar os primeiros passos, este trabalho pode não só apresentar contributos significativos para analisar o estado do empreendedorismo nos sistemas de ensino, bem como, o despertar e deixar importantes pistas para o desenvolvimento de futuros trabalhos.

A investigação apresenta como objetivo geral, procurar identificar as principais intenções e capacidade empreendedora dos estudantes dos cursos técnicos no sistema de ensino angolano, subdividido nos subsistemas do ensino superior técnico, ensino médio técnico e ensino técnico profissional.

Neste particular propõem-se analisar as diferentes formas e respetivas características de empreendedorismo encontrado pelos inquiridos.

O estudo está dividido em quatro pontos, no qual os dois primeiros reportam ao enquadramento teórico do tema, o terceiro refere-se à metodologia aplicada, objetivos do estudo, recolha de dados, caracterização do questionário e da amostra, e o quarto refere-se à discussão dos resultados.

No total inquiriram-se 655 estudantes, assumiu-se um nível de significância de 5% um erro amostral de 3,51%, para o seu cálculo e considerou-se o total da população estudantil de 3937 estudantes.

Para dar resposta ao objetivo do estudo, o mesmo encontra-se estruturado em quatro pontos. No primeiro ponto, pretende-se de forma sumária abordar aspetos mais relevantes sobre o empreendedorismo, empreendedor, tipos e traços característicos do empreendedor, fatores de fomento ao empreendedorismo e por último a importância do empreendedorismo para a Economia.

O segundo ponto encontra-se dedicado ao empreendedorismo em Angola, evolução e situação atual, mecanismos de apoio ao empreendedorismo, condições estruturais do empreendedorismo em Angola, ensino do empreendedorismo nos sistemas de ensino, implementação da disciplina de empreendedorismo no sistema de ensino em Angola, ensino do empreendedorismo na província do Kuanza Sul, e por último a atividade empreendedora na província do Kuanza Sul.

A metodologia de investigação, referindo-se ao objetivo principal do trabalho da investigação, os objetivos específicos, os instrumentos de recolha de dados, as técnicas de tratamentos de dados, população *versus* amostra, caracterização da amostra e perceções sobre o futuro, são assuntos realçados no ponto três.

No ponto quatro, pretendem-se identificar, analisar e discutir, os resultados obtidos, que vão dar resposta aos objetivos da investigação quer ao principal, quer aos específicos.

Por último vão ser apresentadas as principais conclusões deste trabalho, bem como algumas pistas de investigação que podem ser desenvolvidas no futuro.

1. Enquadramento Teórico

1.1. O Empreendedorismo e o Empreendedor: Conceitos e Evolução

Os conceitos de empreendedorismo e de empreendedor, têm uma relação natural com o ser humano, na medida em que as abordagens de estudiosos da matéria convergem nas suas ideias. De acordo com Sarkar (2010), o conceito de empreendedorismo é antigo e tem sido utilizado com diferentes significados.

A definição de empreendedorismo, é muito emaranhada, pode variar do lugar e do autor. Os contributos da psicologia e da sociologia, podem ter provocado variações nas suas definições (Oliveira, 2012).

De acordo com Hisrich e Shepherd (2009), o empreendedorismo é o modo de conceber benefício diferente com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, arcando os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e da independência económica e pessoal.

As abordagens em torno do empreendedorismo, têm o seu cerne na história contemporânea (Hisrich & Shepherd, 2009). Na perspetiva destes autores, o empreendedor e o empreendedorismo tomaram os seguintes rumos:

- No período inicial, o empreendedor foi considerado como intermediário.
- Na idade média, o empreendedor foi tido como um cooperador ou um gerente de grandes projetos de produção.
- No Século XVI, o empreendedor era visto como o indivíduo que celebrava acordos contratuais com o estado, para executar um trabalho ou fornecer produtos estipulados.
- No Século XVIII, o empreendedor era a figura que tinha recursos e diferente daquele que carece de recursos. Foi diferenciado do fornecedor de recursos.
- Já no Século XIX e XX, não se distinguia o empreendedor do gerente. Eram observados numa perspetiva económica e o empreendedor criava e trabalhava numa empresa para benefício próprio.

1.2. O Empreendedor

Segundo Sentanin e Barbosa (2005), o empreendedor é aquele que aceita assumir riscos calculados e a possibilidade de fracassar, são pessoas diferenciadas, que possuem motivação singular, apaixonadas pelo que fazem não se contentam em ser mais um na multidão, querem ser reconhecidas, e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado. Ainda de acordo com os mesmos autores, o empreendedor é aquele que deteta uma oportunidade e cria o negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.

“O empreendedor é o que toma iniciativa para criar algo novo e de valor para o próprio empreendedor e para os clientes” (Ferreira, Santos & Serra, 2010, p.41).

“O empreendedor é alguém que sabe que o seu futuro não está determinado, que com a sua ação pode definir o seu futuro” (Sem Medo, 2012, p.24).

O empreendedor é uma individualidade que passa por riscos e conquista resoluções, porque concebe recursos exíguos para o estabelecimento de diferentes acordos (Sarkar, 2010).

O empreendedor é aquele que aniquila a disposição económica presente pela inserção de novos resultados e serviços, pela proliferação de diferentes feições de disposição ou pela investigação de diferentes recursos materiais (Clever, 2011).

Para Angola o exemplo prático e simples de empreendedores, são os raboteiros¹ que se deslocam das províncias, para se instalarem na cidade capital, Luanda. Usam como meio de sobrevivência e auto emprego o Cangulo², tornando-se numa primeira fase empregados dos mais antigos no local. Com as suas poupanças, à posterior compram o seu próprio Cangulo para, mais tarde comprar uma motorizada para fazer o Kupapata³, Quinguila⁴ ou Zungar⁵ melhorando assim o seu nível de vida e vivência social.

Assim é que determinados autores, descrevem vários tipos de empreendedores. De acordo com Andersen e Thomsen (2005), são quatro os tipos de empreendedores:

¹ Bagageiros ou trabalhadores que transportam cargas, com auxílio de Cangulo ou Carrinho de mão.

² Significa carro de mão construído com madeira e roda de carro ligeiro e tem bastante rusticidade, suportando 500 Kg de peso.

³ Significa na língua nacional Umbundo “agarrar”, “apalpar”. Expressão que a comunicação social angolana popularizou para identificar o moto táxi.

⁴ Significa na língua nacional Quimbundo “aguardar”, “esperar”. Expressão que comunidade social angolana popularizou para identificar os cambistas de moeda no mercado informal.

⁵ Expressão que a comunicação angolana popularizou para identificar indivíduos do sexo feminino ou masculino vendedores ambulantes de bens diversos percorrendo as artérias da cidade, bairros e que nalguns casos provocam o engarrafamento.

- Empreendedores tradicionais, são aqueles que já atuam há algum tempo como donos de restaurantes ou lojas, mecânicos ou outros profissionais liberais.
- Empreendedores com potencial para crescimento são aqueles que geralmente trabalham com desenvolvimento de *software*, aplicativos para *smart phones* e *tablets*, consultoria, comunicação e marketing, desenvolvimento de equipamento médico e *business intelligence*.
- Empreendedores movidos por um projeto, são indivíduos que geralmente possuem um alto nível educacional e desempenham atividades relacionadas às suas áreas de formação, como tradução, desenvolvimento de conceitos ou palestras em museus. São *designers* gráficos, escritores, psicólogos, etc.
- Empreendedores de um estilo de vida, são indivíduos que não veem na educação a base para a abertura de uma empresa. O negócio é desenvolvido por amor à ideia ou ao serviço prestado.

Já Matos (2013), apresenta quatro tipos de empreendedores:

- O empreendedor artesão.
Neste se poderiam incluir todos os espíritos de empreendedorismo que tiram o melhor partido de um dado investimento e graças a ele obtêm os seus rendimentos, podendo tal resultar de algo pura e simplesmente criado pela sua mente ou reutilizado na sequência de uma aprendizagem ou adoção prévias.
- O empreendedor inovador.
Aqui se poderiam enquadrar os titulares que desenvolvendo um determinado processo ou produto transformam uma ideia em realidade, materializando o que foi pensamento em seu benefício e ou dos outros, podendo ou não comercializar a criação em virtude da sua vontade.
- O empreendedor de oportunidade.
Destinar-se-ia a englobar aqueles apostados no desenvolvimento de algo já criado mas cujo potencial não foi capitalizado na medida do permitido (leia-se: não usado no máximo das suas capacidades), distinguindo-se do empreendedor inovador por dizer respeito somente a alterações no existente e não à invenção de haveres totalmente diferentes, ou seja incluindo só a reinvenção e não o invento.
- O empreendedor de filosofia.
Corresponde ao que faz do empreendedorismo o seu modo de vida e que aposta no risco para gerir o presente bem como traçar o futuro mas que o realiza independentemente, distanciando-se, de todos os demais tipos de empreendedores pelo facto de não estar sob o acompanhamento ou ordens de natureza empresarial (“patrão”).

Dornelas (2014), na sua abordagem apresenta nove categorias de empreendedores:

- O empreendedor informal - nesta categoria se enquadra as pessoas que vendem mercadorias nas esquinas das ruas, em barracas improvisadas nos semáforos, vendedores ambulantes ou autónomos que prestam serviços diversos.
- O empreendedor cooperador - refere - se a indivíduos que se unem em cooperativas, ou criam associações para ganhar escala e vender o que produzem/reciclam.
- O empreendedor individual - diz respeito àquele indivíduo que abandona o tipo de empreendedor informal, legaliza-se, deixa de ser empreendedor individual para ser dono de um negócio maior.
- O empreendedor franqueado - aquele que resulta de um empreendedor iniciar uma empresa a partir de uma marca já desenvolvida por um franqueador, sendo habitual no setor da alimentação e vestuário.
- O empreendedor social - aquele que se refere a pessoas que querem ajudar o próximo e criam ou se envolvem com uma organização sem fins lucrativos para cumprir um determinado objetivo social.
- O empreendedor corporativo - referente aos funcionários conscientes do seu papel na organização onde trabalham, que contribuem com ideias e executam projetos que visam o crescimento da empresa.
- O empreendedor público – refere-se à pessoas comprometidas com o coletivo, que não se deixam cair na monotonia por estabilidade no emprego e querendo melhorar os serviços à população, sugerem formas alternativas de utilização mais eficiente dos bens públicos.
- O empreendedor do conhecimento - enquadra-se nesta categoria pessoas, como advogados, médicos e outros profissionais liberais.
- O empreendedor de negócio próprio - faz referência ao típico dono do próprio negócio que é o indivíduo que busca autonomia, quer ser patrão e cria uma empresa e estilo de vida, sem maiores pretensões de crescimento, para manter um padrão de vida aceitável, que lhe atribua *status* de pertencer à classe média.

1.3. Traços Característicos do Empreendedor

Os empreendedores possuem traços e características de personalidade próprias, que os identificam e diferenciam uns dos outros, razão pela qual tem-se realizado estudos para encontrar características comuns entre eles. Há indivíduos com dom e capacidade de liderança, organização e direção para um negócio, quer pela apetência ao trabalho, experiências ou aprendizagem com indivíduos que tiveram sucesso no mundo dos negócios.

De acordo com Santos (2006; citado por Semedo, 2014, p.27), o estudo do empreendedorismo estreou-se com a adoção de características psicológicas peculiares do empreendedor, para descrever o perfil próprio, ou melhor a sua situação espiritual. Para este mesmo autor, as características normalmente identificadas nos empreendedores, são a determinação, o otimismo, a independência, a vontade de enfrentar desafios e de correr riscos.

Para Teixeira (2012), o empreendedor corre riscos, num contexto de incerteza, é ativo, criativo e humano, ao invés de passivo, automático e mecânico, é vertical e tem confiança no seu projeto, por isso, envolve os colaboradores, fornecedores e os capitalistas necessários. Para este mesmo autor, as características chave do perfil do empreendedor, baixa aversão ao risco, agressividade, ambição, otimismo, desejo de autonomia, valores pessoais incomuns e sede de poder. Associa os fatores contextuais à trajetória individual (indivíduos que viveram uma infância desfavorecida ou viveram determinadas experiências na adolescência).

Já Sarkar (2007, pp.60-61), “enumera uma lista de características mais importantes para ter sucesso como empreendedor:

- Auto motivação (atuar como iniciativa própria sem pressão externa).
- Tomada de risco (elevado nível de conforto com o risco; ter a habilidade de calcular o grau de risco apropriado).
- Senso Comum (especialmente nos assuntos do quotidiano).
- Valores (princípios ou padrões morais de uma pessoa ou grupo social).
- Competitividade/Assertividade (ter uma forte necessidade de vencer; estar pronto a competir; ser ativo energético).
- Persistência (continuar, apesar dos obstáculos).
- Responsabilidade (autoridade, capacidade de atuar independentemente e estar disponível para enfrentar as consequências).
- Autoconfiança (dependente, acreditar nas suas capacidades).
- Aceitação da solidão (independência emocional).

- Capacidade de adaptação (disponibilidade para se adaptar sozinho a novas condições e ambientes)”.

Segundo Rodrigues (2008), o perfil do empreendedor carece de robustez e um forte conhecimento de si próprio, são peritos em identificar, explorar oportunidade, assumir riscos. Acreditam nos palpites e seguem-nos, aceitam o insucesso. As características particulares como a perseverança, ambição e vontade de traçar o rumo da sua vida, competitividade, auto estima, a ambição de vencer, a auto confiança e a flexibilidade. Este mesmo autor, atribui características comuns aos empreendedores como: curiosidade, capacidade de resistência (física e emocional), orientação para objetivos, independência, exigência, criatividade, elevada propensão ao risco calculado, tolerância à ambiguidade e à incerteza, inovação, empenho, aptidão para resolver problemas, visão, empenho, capacidade de adaptação, iniciativa, integridade, capacidade de angariação de recursos, capacidade de persuasão, forte apetência pela mudança, empatia, tolerância ao fracasso, grande capacidade de trabalho, capacidade de liderança, sorte.

Já Goleman (2000) associa as aptidões emotivas em quatro grandes grupos, cada grupo existe um subgrupo e um agregado de aptidões específicas:

- Autoconsciência (autoconsciência emocional, autoavaliação rigorosa, autoconfiança – competência que permite valorizar devidamente os seus pontos fortes e capacidades mais distintas).
- Autogestão (autocontrole, inspirar confiança, adaptabilidade, orientação para o êxito, iniciativa).
- Consciência social (empatia, consciência organizacional, orientação para o cliente).
- Competências sociais (liderança visionária, influência, desenvolver os outros, comunicação, incentivador da mudança, gestão de conflitos, criar laços, espírito de equipa e cooperação).

Na visão de Semedo (2014), muitos dos empreendedores não ostentam estas características mas conseguiram criar suas empresas e muitas delas com sucesso, contra o perfil do empreendedor de sucesso. Segundo este mesmo autor estas características são sem dúvidas os pilares para o indivíduo empreendedor que pretende ter sucessos nos negócios. Autoconfiança, auto motivação e entusiasmo, fazem com que o individuo se transforme numa pessoa que acredita em si mesma no seu potencial de realizar tarefas desafiadoras e de se entregar de corpo e alma às suas ideias e projetos. Flexibilidade, iniciativa, otimismo, transformam um indivíduo numa pessoa que facilmente se adapta a novas conjunturas, aceitar novas ideias e paradigmas, ele não fica a espera que outras entidades como por exemplo a família ou o governo venham resolver os seus problemas.

1.4. O empreendedorismo

O empreendedorismo como arte da teimosia e ciência, existe no interior dos seres humanos e surge como necessidade e prioridade dos homens, instituições, nações, etc. Se por um lado somos assolados por dificuldades de várias índole, quer sejam financeiras, sociais, falta de rentabilidade na organização, falta de liquidez no mercado ou falta de clientes para o negócio, por outro lado surge a necessidade de ultrapassar ou superar as mesmas, logo, estão-se a criar condições para o empreendedorismo.

De acordo com Cone (2007; citado por Naia, 2009, p.9) o empreendedorismo consiste em reinventar o mundo, onde atualmente nada é estático.

Já na perspectiva de Hirisch e Sheperd (2009), o empreendedorismo é o veículo para aliar a sabedoria e o mercado por via da fundação de uma nova organização. Para estes autores, muitos empreendedores encontram obstáculos para aliar a sabedoria e o mercado para criar empreendimentos, na ausência de ferramentas de gestão e recursos financeiros.

“O empreendedorismo é o processo de identificação, desenvolvimento e captação de uma ideia para a vida. A visão pode ser uma ideia inovadora, uma oportunidade ou simplesmente uma forma melhor de fazer algo. O resultado final deste processo é a criação de uma nova empresa, formada em condições de risco e de incerteza considerável” (Sarkar, 2007, p.46).

Para a Comissão Europeia - Educação e Cultura (CE, 2005), o empreendedorismo é a capacidade exclusiva de tornar as ideias em realidade, mediante a criatividade, inovação e o assumir riscos, com base na planificação, e gestão de projetos, para atingir objetivos.

“A coragem de partir para outro país à procura de uma situação de vida melhor para si e para sua família é já um grande ato de empreendedorismo” (Farmhouse, 2010, p.2).

1.5. Tipos de Empreendedorismo

Os conceitos de empreendedores e de empreendedorismo são bastante abrangentes. Por isso é que Sarkar (2010), aborda as seguintes vertentes: empreendedorismo por necessidades, intra-empreendedorismo, empreendedorismo social, empreendedorismo por emigrantes e outras formas de empreendedorismo. Salienta:

- O intra-empreendedorismo, pelo facto de os intra-empreendedores operarem com sucesso numa organização estabelecida ou parceira com outros empreendedores que possuem atributos e capacidades que eles não têm;

- O empreendedorismo social, por considerar esta, a forma de empreendedorismo que mais impacto tem na sociedade, já que os empreendedores sociais são indivíduos que têm soluções de inovação para problemas sociais;
- O empreendedorismo por emigrantes, já que em muitos os países do mundo os emigrantes para além de serem uma mão-de-obra barata, são também extremamente importantes como empreendedores, como se tem verificado nos Estados Unidos da América, Índia, Reino Unido, China, Irão, França e Brasil.

Também Oliveira (2010, p.12), reforça o facto de ser “hoje evidente que os emigrantes não vêm apenas as necessidades de emprego das sociedades de acolhimento, mas são eles próprios os criadores de novas oportunidades de emprego e dinamizadores das economias locais e nacionais”.

Buin e Dupuis (2003; citados por, Sarkar, 2010, p.34), descrevem diferentes tipos de empreendedorismo: empreendedorismo por necessidade; empreendedorismo ético; empreendedorismo de capital; empreendedorismo eletrónico; empreendedorismo familiar; empreendedorismo comunitário; empreendedorismo municipal; empreendedorismo estatal; empreendedorismo local; empreendedorismo na terceira idade e empreendedorismo em jovens.

Já Batista e Pessoa (2005), referem quatro tipos de empreendedorismo com base nas características do indivíduo empreendedor:

- O empreendedorismo corporativo, intra-empreendedorismo ou empreendedorismo interno, referente a indivíduos dotados de capacidade de identificação de oportunidades transformando-as em negócios no seio de numa organização.
- O empreendedorismo *start-up*, que tem a ver com indivíduos desafiadores que concebem novos negócios ou empresas.
- O empreendedorismo social, que exige o redesenho de relações entre a comunidade, o governo e o setor privado, com base num modelo de parcerias, resultando a promoção da qualidade de vida social, cultural económica e ambiental.
- O empreendedorismo de negócios, onde são claros os desafios relativos à competitividade do negócio, à busca de diferenciais competitivos, conquista de clientes, lucros, produtividade e manutenção de negócios.

1.6. Fatores de Fomento ao Empreendedorismo

O simples facto de criar várias formas de empreender ou de empreendedorismo e implementá-las, só não basta. A competitividade entre as empresas nos mercados onde se inserem, depende bastante dos fatores sociais, tecnológicos, ambientais, culturais, demográficos, fronteiriços e transfronteiriços e por isso a dinâmica do empreendedorismo é por eles influenciada.

A dinâmica do empreendedorismo é influenciada pelas mutações da conjuntura socioeconómica envolvente, como as recessões económicas, o forte crescimento económico, os progressos tecnológicos, as metamorfoses organizacionais e as envolventes estruturais dos setores (Semedo, 2014).

De acordo com Zinga (2007), as características, os traços de personalidade do empreendedor, os recursos disponibilizados, as redes organizacionais, as envolventes estruturais, o capital humano, as relações sociais e os apoios disponíveis, influenciam diretamente no fomento do empreendedorismo para criação de novos processos, produtos, serviços, empresas, empregos ou postos de trabalhos. Geram desenvolvimento e bem-estar social, como consequência do empreendedorismo, através do crescimento de indústrias, crescimento demográfico e percepção de conhecimentos novos.

O contexto, o capital de risco, as redes sociais, o sistema de apoio social e familiar adotado, as fontes, os mecanismos e tipos de financiamentos, os colaboradores, os fornecedores e clientes, a comunidade, os agentes financiadores bem como a envolvente sócio-cultural, económica e política, são elementos que ajudam a fomentar o empreendedorismo no seio das organizações (Naia, 2009).

As empresas, organizações ou estados com a melhor capacidade de organização, visão, missão, valores, responsabilidades social, no meio em que se inserem, têm maior probabilidade de alcançar sucessos e suplantar as concorrentes livremente, apesar das limitações do meio envolvente (Fortes, 2013).

Assim, a existência de associações e instituições que fomentam o empreendedorismo, capitais de risco, juros bonificados, linhas de crédito subvencionadas pelo estado, feiras e exposições, prémios e apoios diretos do estado, aliados à envolvente contextual e transaccional entre os intervenientes no processo empreendedor, culmina em boas práticas e desenvolvimento sócio-económico.

1.7. Importância do Empreendedorismo para as Economias

O desenvolvimento económico e social de qualquer, país, estado, organização, ou pessoa singular, passa pela definição de estratégias, para contornar a situação real e atual à sua volta.

Assim, a Comissão Europeia (CE, 2003), imputa interesse ao empreendedorismo para o progresso financeiro e social de um país por via da geração de empresas novas, com o principal foco nas PME- Pequenas e Médias Empresas. Para esta organização, os países com maior iniciativa empreendedora têm tendência para taxas de desemprego menores e o empreendedorismo contribui para o crescimento económico, fortalecendo a coesão económica através do incremento da atividade económica e da criação de empregos.

De acordo com Nonato (2013), o empreendedorismo desfruta de uma atenção insubstituível no concernente ao crescimento económico por garantir a procriação de diferentes empresas e criar novos postos de trabalho. Para além de gerar valores com impacto social, o empreendedorismo é responsável por motivar a promoção de riquezas de um país, pode proporcionar o conforto social como solução para muitos problemas.

Boszczowski e Teixeira (2012), salientam que para se perceber o fenómeno empreendedor como promotor do desenvolvimento sustentável, é imperioso averiguar e identificar as ofertas de negócios sustentáveis e simplificar operações repetitivas e assim o empreendedorismo tem mais valor do que se pode pensar.

2. O empreendedorismo em Angola

2.1. Evolução e Situação Atual do Empreendedorismo

As várias iniciativas de Angola em relação ao empreendedorismo remontam à criação do Banco Caixa Agropecuária e Pescas, nos anos 90, virado para o apoio aos agricultores e empresários, que acabou falido e muitos dos financiamentos não foram reembolsados até à data presente. Salientar que outras iniciativas foram surgindo e muitas delas com êxito e descrédito, por isso é que a temática empreendedorismo passou a ser um assunto de prioridade governamental.

De referir que Angola registou uma Taxa de Apoio ao Empreendedorismo - TEA, de 32,4%, em 2012, (6.ª posição no universo de países que colaboraram para o *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM) o que significa que existem cerca de 32 empreendedores por cada 100 indivíduos em idade adulta (GEM, 2012).

Isabel (2013), verificou que os angolanos, dos 35 aos 44 anos, estão mais predispostos a criar um negócio, e apenas um terço das pessoas questionadas considerou que o medo as impediria de arriscar. As atividades económicas do setor terciário, como a venda a retalho, a restauração, o alojamento, a educação e o lazer, estão entre aquelas que mais recebem *inputs* empreendedores, cerca de 80%, um resultado bastante significativo.

De acordo com GEM Angola (2012), a economia angolana tem-se caracterizado por um elevado desenvolvimento ao longo de anos consecutivos, com um aumento real do Produto Interno Bruto - PIB, de mais de 15% por ano desde 2004, cujo crescimento tem sido, em grande parte impulsionado pelo setor petrolífero.

Segundo Chingala (2012), no entanto apesar dos assinaláveis progressos que tem protagonizado, Angola tem ainda grande parte das suas infraestruturas destruídas ou por desenvolver, na qual o estado desenvolveu várias iniciativas em relação ao empreendedorismo, a partir de 1994. O Ministério da Administração Pública Emprego e Segurança Social - MAPESS, destacou dois programas:

- Iniciativas Locais de Emprego - ILE;
- Apoio a Criação da Pequena Empresa Familiar - ACPEF.

Mas de acordo com Chingala, tais resoluções não tiveram aplicação na altura, devido ao profundo grau de destruição em que o país se encontrava a nível das infraestruturas e do tecido empresarial, bem como as limitações do setor financeiro e bancário. Mais tarde o governo deu um impulso e em 1996 o Ministério da Administração Pública Emprego e Segurança Social - MAPESS, através das suas delegações provinciais lançou o programa a nível das comunidades locais.

- Programa de Fomento ao Auto - Emprego - PFAE.

Mais tarde através do decreto presidencial n.º 42/12, criou o Programa de Apoio ao Pequeno Negócio - PROAPEN, implementado em 2012, destinado às microempresas e aos pequenos empreendedores singulares (Chingala, 2012).

As diligências do governo angolano concernente ao empreendedorismo não se estancam. O governo está atento à dinâmica da inovação, por isso instituiu em 1997, de forma inédita, o Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação enquadrado na estratégia do país (Miguel, 2014).

Já para Ferreira (2014), o incremento do empreendedorismo em Angola, irá permitir o crescimento de diferentes negócios e inovadores e contribuir para a redução da dependência do país comparativamente ao petróleo e manter elevadas as taxas de crescimento a nível mundial.

Segundo Castelar (2014), o empreendedorismo em Angola já faz parte dos angolanos, tanto é que a realização de feiras de auto-emprego e empreendedorismo, adotado por instituições como, o Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego - CLESE, Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional - INEFOP, com a participação de jovens empreendedores das províncias que têm a oportunidade de expor os seus projetos, desenvolvidos durante os cursos frequentados. Contudo, ainda segundo Castelar, os CLESE, são organizações sem fins lucrativos, que operam sob a supervisão do Ministério da Administração Pública Trabalho e Segurança Social - MAPTSS, e foram criados com o objetivo de oferecer apoio a micro, pequenos e médios empreendedores em Angola.

2.2. Mecanismos de Apoio ao Empreendedorismo

No caso em estudo, os apoios aos empresários, comerciantes, pequenos artesãos, indivíduos com pequenas iniciativas, mas que trazem o incremento das atividades económicas num determinado circuito, são elementos de estímulo às suas atividades e portanto são mecanismos de apoio ao empreendedorismo.

De acordo com Graça (2012, p.1), “não é possível manter taxas de desemprego jovem tão elevadas durante muito tempo, sem pôr em causa o estado social, o regime democrático, a paz social e as liberdades”.

Vitorino (2010, p.6), acrescenta que “sem os mecanismos de apoio, as boas ideias não têm concretização prática”.

Para Gonçalves (2013), a criação do Balcão Único de Empreendedor - BÚE, permitiu a constituição e legalização de seis mil empresas no país, o serviço é tutelado pelo Ministério da Justiça. É uma alavanca na dinamização da economia angolana. Ainda de acordo com o autor, o BÚE incentiva iniciativas inerentes ao empreendedorismo, legaliza as empresas, e fomenta-as a partir dos programas de financiamento. É um serviço localizado em várias cidades angolanas e que concentra

num só local, os diversos serviços administrativos necessários para o registo, constituição e licenciamento das empresas.

Angola concebeu a primeira incubadora de empresas, neste ano em Luanda, numa diligência do governo com vista o apoio ao empreendedorismo e a variação da economia (Chitas, 2012a).

De acordo com Ferreira (2014), os jovens usufruem de formação profissional de seis módulos no curso de empreendedorismo em gestão financeira, gestão de *marketing*, gestão e venda, elaboração de planos de negócios e informática na ótica da contabilidade. Refere que desde Agosto de 2012 se estão a construir os CLESE, para capacitar os empreendedores, criar e fortalecer pequenas e médias empresas. O principal grupo alvo a atingir, são os finalistas dos institutos médios, quer públicos quer privados e estudantes do ensino superior.

O executivo angolano e a materialização dos incentivos previstos no programa de licenciamento de novas empresas, o Instituto Nacional de Apoio as Pequenas e Médias Empresas - INAPEM, já deu aval a 2.709 empresas (Monteiro, 2014).

O INAPEM, tem trazido vários benefícios às pequenas e médias empresas, vem facilitando o desenvolvimento das Micro, Pequenas e Médias Empresas - MPME, com base nos serviços de formação e consultoria, para além da certificação e de facilitar o acesso ao financiamento bancário com bonificação de juros (Chitas, 2012b).

Ainda de acordo com Chitas (2012b), a partir do momento em que as pessoas são admitidas nas MPME, estão capacitadas para se sustentarem diminuindo assim o desemprego e, conseqüentemente, baixando o nível elevado dos índices de pobreza. Outro benefício diz respeito à organização das empresas, que tem grande influência nas receitas tributárias, na melhoria da balança de pagamentos e na diversificação da economia.

Uma vez que os apoios institucionais e os benefícios fiscais agora evidentes, o INAPEM, tem o dever de comunicar a disponibilidade, conceder os benefícios às empresas certificadas e apoiar a renovação dos certificados (Monteiro, 2014).

Para Severino (2013), o programa Angola Investe, é excelente e adequado às características do empreendedorismo nacional que, certamente, surgiu para minimizar em parte o problema de garantias dos beneficiários de créditos, neste âmbito está a contribuir significativamente para o processo de diversificação da economia nacional e a gerar muitos postos de trabalho, com incidência nos setores das bebidas, agro - indústria e materiais de construção.

As taxas de juro são calculadas em função da avaliação do Banco, mas no máximo 5%. Os montantes máximos de financiamento variam em função da dimensão e dos projetos, estando previstos, 20 milhões de kuanzas para as micro empresas, 150 milhões de kuanzas para as pequenas e 500 milhões de kuanzas para as médias empresas. O prazo do reembolso é de sete anos no máximo, com carência de pagamento de capital de seis meses (Portalangop.co.ao, 2014).

Segundo Contreiras (2013), o programa Angola Investe, afeto ao Ministério da Economia - MINEC, prometia a dinamização das MPME, com a implementação de uma série de facilidades, como a concessão de créditos bonificados pelo estado para o incentivo da economia e dos empresários.

O programa teve na sua base, quatro eixos fundamentais: facilitação de crédito, apoio na constituição das empresas, desburocratização de processos e apoio à produção nacional. O nosso conceito é simples, queremos menos custos na criação de empresas, em menos tempo e com menos procedimentos. Atualmente a simples iniciativa administrativa de constituir uma empresa custa à volta de 500 mil kuanzas, cerca de 5 mil dolares (Gomes, 2014). Ainda de acordo com Gomes, foi também criado no âmbito do apoio ao empresariado, o Fundo Público de Capital de Risco - FACRA.

2.3. Condições Estruturais do Empreendedorismo

Para o processo empreendedor, as estruturas, vias de acesso, energia, água e telecomunicações desempenham um papel fundamental, quando postas à disposição dos empreendedores, quer sejam criadas pelo estado ou não. De acordo com o GEM Angola (2012), as condições estruturais do empreendedorismo - CEE, são os indicadores do potencial de um país para impulsionar o empreendedorismo. Essas condições, refletem as principais características do meio socioeconómico de um país e por isso se espera que tenham um impacto significativo no setor empresarial a nível nacional.

Segundo o GEM, há diferentes condições estruturais que se aplicam a negócios já estabelecidos e a novos. Esta organização, compara também estas condições, considerando as fases de desenvolvimento económico de cada país participante. Para as economias viradas por fatores de produção, a ênfase é aplicada nos requisitos básicos, tais como o desenvolvimento das instituições, a infraestrutura, a estabilidade macroeconómica, a saúde e a educação primária. Estes requisitos básicos ajudarão a sustentar o empreendedorismo baseado na necessidade, mas, à partida, contribuirão pouco para estimular o empreendedorismo baseado na oportunidade.

Para o GEM Angola (GEM, 2012, pp.7-9), “os países em que o crescimento económico é virado para a inovação, as CEE ganham maior impacto, enquanto fatores de desenvolvimento económico, do que os requisitos básicos ou os indutores de eficiência. O GEM identifica um conjunto de nove condições estruturais, que são utilizadas para melhor se entender o nível dos fatores impulsionadores e os constrangimentos do empreendedorismo no País:

1. Apoio Financeiro - Disponibilidade de recursos financeiros, capital próprio e fundos de amortização de dívida para empresas novas e em crescimento, incluindo bolsas e subsídios.

2. Políticas Governamentais - Grau em que as políticas governamentais relativas a impostos, regulamentações e sua aplicação são neutras no que diz respeito à dimensão das empresas e grau em que estas políticas incentivam ou desincentivam empresas novas e em crescimento.
3. Programas Governamentais - Existência de programas, em todos os níveis de governação (nacional, provincial, municipal e local), que apoiam diretamente negócios novos e em crescimento.
4. Educação e Formação - Grau em que a formação sobre a criação ou gestão de negócios novos e em crescimento é incluída no sistema de educação e formação, bem como a qualidade, relevância e profundidade dessa educação e formação para criar ou gerir negócios pequenos, novos ou em crescimento.
5. Transferência de Investigação e Desenvolvimento - Grau em que a I&D a nível nacional conduz a novas oportunidades comerciais, assim como o acesso (ou falta de acesso) à I&D por parte dos negócios pequenos, novos ou em crescimento.
6. Infraestruturas de Comércio e Serviços - Influência das instituições e serviços comerciais, contabilísticos e legais, que permitem a promoção dos negócios pequenos, novos ou em crescimento.
7. Abertura do Mercado/Barreiras à Entrada - Grau em que se impede que os acordos e procedimentos comerciais sejam alvo de mudanças e substituições, impossibilitando empresas novas e em crescimento de estar em concorrência e de substituir fornecedores e consultores de forma recorrente.
8. Acesso a Infraestruturas Físicas - Acesso a recursos físicos (comunicação, transportes, utilidades, matérias-primas e recursos naturais) a preços que não sejam discriminatórios para negócios pequenos, novos ou em crescimento.
9. Normas Culturais e Sociais - Grau em que as normas sociais e culturais vigentes encorajam (ou não desencorajam) iniciativas individuais que levam a novas formas de conduzir negócios e atividades económicas e que, por sua vez, contribuem para uma maior distribuição da riqueza e do rendimento”.

2.4. Ensino do Empreendedorismo nos Sistemas de Ensino

A educação para o empreendedorismo, formata a mente dos estudantes no que respeita a adoção de carreiras ou na criação do seu próprio negócio. Se bem que nem todos os estudantes serão ou pretenderão abraçar a via do empreendedorismo, o ideal seria familiarizarem-se com os conhecimentos e ferramentas para o efeito.

“A importância da educação e da formação neste domínio tem sido sublinhada em diversas ocasiões, hoje, reconhece-se que o espírito empresarial é uma competência de base que deve ser adquirida através de uma aprendizagem ao longo da vida. A Europa tem de fomentar o ímpeto empresarial de forma mais eficaz, precisa de mais e novas empresas dispostas a embarcar em projetos empresariais criativos ou inovadores, encorajar o espírito empresarial, incentivando a atitude correta, chamando a atenção para as oportunidades de carreira profissional como empresário ou trabalhador por conta própria e providenciando a aquisição das competências empresariais relevantes” (Liikanen, 2004, p.3-4).

Ferreira (2006), se criarmos esse ambiente, eles farão o resto naturalmente, não sabemos se serão cientistas, ativistas sociais, empresários, trabalhadores por conta de outrem ou funcionários do estado, o facto de serem empreendedores será um contributo muito importante em qualquer organização.

A educação para o empreendedorismo é um procedimento complicado, está a evoluir ano após ano, com base em estudos empíricos que referem práticas com êxitos e fracassos em muitos países. Reflete, uma enorme discrepância de percepções de tentativa a este nível, exhibe a complexidade do sistema de ensino do empreendedorismo. A educação para o empreendedorismo gera resultados diferentes nos estudantes, alguns descobrem que essa é a via, que pretendem seguir, outros apercebem-se que é mais complexo do que aquilo que pensavam e procuram mais informações e outros apercebem-se que de facto, não é aquele o caminho que querem seguir, o que também é positivo, na medida em que, não têm de ser todos empreendedores (Naia, 2009).

Para Gonçalves (2009), os iletrados vindouros não serão aqueles que sejam incapazes de ler ou escrever, mas sim os incapazes de apreender, desaprender e reaprender. Um empreendedor com educação empresarial e prática pode criar maiores lucros nas empresas empreendedoras, a educação em empreendedorismo pode melhorar a visibilidade perceptível para os negócios empresariais através do aumento do conhecimento dos alunos, a construção de confiança e promoção da autoeficácia.

Os grandes visionários do empreendedorismo asseveram que a educação empreendedora tem como alvo, o incremento de individualidades proactivas e dotadas de mentes criativas, inovadoras com grande capacidade de planear (Clever, 2011).

Martinez e Joniliano (2012), o empreendedorismo é uma área de investigação crescente, com ausência de conceitos estáticos por isso socorre-se de conceitos de outras ciências úteis derivadas, que sustentam os planos curriculares universitários e não só. Para este mesmo autor o empreendedorismo não é somente a luz, é uma forma de imaginar.

“Ensinar e aprender a desenvolver o espírito empresarial implica transmitir e adequar conhecimentos, competências, atitudes e qualidades pessoais adequadas à faixa etária e ao nível dos alunos ou estudantes em causa. No ensino básico, a educação para o desenvolvimento do espírito empresarial

deve procurar incentivar nos alunos qualidades pessoais - tais como a criatividade, o espírito de iniciativa e de independência - que contribuam para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora, que provará ser útil na sua vida diária e em todas as atividades profissionais. No ensino secundário, a educação para o desenvolvimento do espírito implica sensibilizar os estudantes para o facto de o estatuto de trabalhador independente constituir uma opção de carreira (a mensagem a passar seria a de que é possível não só trabalhar por conta de outrem, mas também tornar-se empresário por conta própria), aprender através da prática ('aprendendo fazendo') e formação específica sobre a criação de empresas" (Comissão Europeia, 2004, p.17).

2.5. O Empreendedorismo no Sistema de Ensino Angolano

"Ao abrigo do despacho n.º 214-A/10 de 5 de Novembro, foram aprovados os programas da disciplina de empreendedorismo, a introduzir a título experimental, nos planos de estudos do ensino secundário, período diurno, nas escolas seleccionadas, a partir do ano letivo 2010.

A disciplina de empreendedorismo foi implementado a partir de 2010, pelo Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia na altura, atual Ministério da Educação, em conformidade com os poderes delegados pelo Presidente da República, nos termos do artigo 137.º da Constituição da República de Angola, e de acordo com o artigo 46.º do Decreto Legislativo Presidencial n.º 1/10, de 5 de março, determina:

1.º - São aprovados os programas da disciplina de empreendedorismo, a introduzir a título experimental, nos planos de estudo de Ensino Secundário, período diurno, nas escolas seleccionadas, a partir do ano letivo 2010.

2.º - A disciplina de empreendedorismo tem dois tempos letivos semanais num bloco único de (aula dupla).

3.º - Compete à direção de cada escola fixar no horário e período para a sua leção.

4.º - A disciplina de empreendedorismo é ministrada, a título experimental, em 45 escolas seleccionadas de nove províncias, respeitando o seguinte.

i) Em 2010:

a) Uma ou duas turmas da 7.ª Classe.

b) Uma ou duas turmas da 10.ª Classe.

ii) Em 2011:

a) Uma ou duas turmas da 7.ª Classe.

b) Uma ou duas turmas da 8.ª Classe.

c) Uma ou duas turmas da 10.^a Classe.

d) Uma ou duas turmas da 11.^a Classe.

iii) Em 2012:

a) Uma ou duas turmas da 7.^a Classe.

b) Uma ou duas turmas da 8.^a Classe.

c) Uma ou duas turmas da 9.^a Classe.

d) Uma ou duas turmas da 10.^a Classe.

e) Uma ou duas turmas da 11.^a Classe.

f) Uma ou duas turmas da 12.^a Classe.

5.º - A carga horária dos professores que cumulativamente lecionarem a disciplina de empreendedorismo é estabelecida para docentes do ensino secundário, desta, quatro tempos serão para fazer o acompanhamento dos trabalhos práticos dos alunos fora da sala de aula.

6.º - A disciplina de empreendedorismo deve reger-se pelas atuais formas de avaliação, preconizadas nos regulamentos de avaliação, designadamente:

i) Sistema de avaliação das aprendizagens para o I ciclo do ensino secundário.

ii) Sistema de avaliação das aprendizagens para o II ciclo do ensino secundário.

iii) Sistema de avaliação das aprendizagens para a formação de professores.

iv) Regime de avaliação dos alunos da formação média técnica.

7.º - Para além das formas de avaliação mencionadas nas alíneas a, b, c e d, no fim de cada ciclo, deve ser feita uma apresentação de um mini projeto ou projeto empreendedor, que incluirá a identificação de oportunidade de atividade empreendedora mais viável no seu meio, tendo em conta os recursos necessários para iniciá-lo, desenvolvê-lo e geri-lo com êxito.

8.º - A apresentação do microprojeto ou projeto empreendedor de forma individual ou em grupo é de caráter obrigatório e é avaliado por um júri.

9.º - O Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação deve anualmente proceder à avaliação da aplicação do programa e proceder às correções que se entender necessárias visando a generalização da disciplina” (Diário da República de Angola, 2010, pp.3402-3432).

A disciplina de empreendedorismo, foi implementado em três fases, sendo a primeira fase de experimentação e monitoria 1, a segunda fase, a fase de experimentação e monitoria 2 e revisão dos materiais, a fase três é a fase de generalização, nas escolas do ensino secundário do I e II Ciclos

Gerais, do Ensino Técnico Profissional e de Formação de Professores, nas províncias de Benguela, Cabinda, Cunene, Huila, Huambo, Luanda, Lunda Norte, Malange e Uíge (Inide, 2012).

Tabela 1. Fases de Implementação da disciplina de empreendedorismo em Angola.

Anos	1. ^a Fase	2. ^a Fase	3. ^a Fase
2010	7. ^a e 10. ^a	-	-
2011	8. ^a e 11. ^a	7. ^a e 10. ^a	-
2012	9. ^a e 12. ^a	8. ^a e 11. ^a	7. ^a e 10. ^a
2013	9. ^a e 12. ^a	9. ^a e 12. ^a	8. ^a e 11. ^a
-	-	-	9. ^a e 12. ^a

2.5.1. O ensino e Implementação do Empreendedorismo na Província do Kuanza Sul

O ensino do empreendedorismo na província do Kuanza Sul, é consubstanciado em formações, como seminários, palestras, *workshops*, pelo que, chefes de repartição municipal da educação e gestores de escolas pública, participaram num seminário sobre a disciplina de empreendedorismo, sob a égide da Direção Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia do Kuanza Sul, com o objetivo de desenvolver competências científico-pedagógicas e metodologias para o ensino da disciplina de empreendedorismo (Portalangop.co.ao, 2014).

De acordo com o formador, Afonso (2014), é importante a valorização da disciplina, pois as escolas do I e II ciclos ministram a cadeira e urge a necessidade de se atualizarem os conhecimentos dos gestores de escolas na matéria. A intenção é promover a criatividade na utilização dos diversos métodos para o desenvolvimento da cadeira, uma vez que o governo está a criar oportunidades de negócios para os jovens.

Para a chefe de secção de educação da direção provincial de educação, a implementação da disciplina de empreendedorismo na província, iniciou apenas em 2014, com cinco escolas do I e II Ciclo, selecionadas em dois municípios, Sumbe e Porto Amboim, para o município do Sumbe as escolas do II ciclo são, a Escola de Formação de Professores do Kuanza Sul - EFPKS, com duas turmas da 10.^a Classe, a escola do II Ciclo do Sumbe do Sumbe, com duas turmas da 10.^a classe, Instituto Médio Politécnico do Sumbe - IMPS, com duas turmas da 10.^a classe (Maria, 2014).

Segundo esta responsável, a escola 14 de Abril no Sumbe, tem duas turmas da 7.^a classe e Comissário Ngongo de Porto Amboim, duas turmas da 7.^a classe. Não temos professores especialistas em empreendedorismo, são adaptados depois da formação que recebem do INIDE e cada escola tem um coordenador da disciplina. O Sumbe reúne-se quinzenalmente para planificar, e Porto Amboim, reúne sozinha, pensamos no ano letivo de 2015, a 14 de Abril do Sumbe e Comissário Ngongo de Porto Amboim reunirem-se num único local para planificar.

Ainda de acordo com a entrevistada, também em 2015, é previsão alargar o ensino do empreendedorismo a mais quatro municípios da província totalizando seis dos doze municípios, e até 2017, alargar para os restantes seis municípios e garantir assim a sua expansão e cobertura a nível de toda a província e em consonância com o Plano Nacional de Desenvolvimento - PND, elaborado pelo executivo angolano até 2017, formar mais de 3000 empreendedores a nível nacional. Salientar que em nenhuma instituição de ensino existe o Gabinete de Empreendedorismo, sendo a temática empreendedorismo centralizado e supervisionado pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação - INIDE.

Os gabinetes de empreendedorismo enquanto estruturas no seio das organizações, desempenham um papel fundamental na promoção, supervisão e formação de um empreendedor. De acordo com o Faq-Empreendedorismo (2012), são estruturas de apoio ao empreendedorismo, cujas atribuições são: atividades no âmbito da promoção do empreendedorismo e atividades de desenvolvimento empresarial.

As atividades no âmbito da promoção do empreendedorismo, são as cativadoras para o empreendedorismo, partilha de informações entre os empreendedores, realização de encontros, feiras etc. Segundo o Faq-Empreendedorismo, as atividades constantes da promoção do empreendedorismo são:

- Campanha de ações de formação para o empreendedorismo (oficinas de empreendedorismo).
- Direcionamento à rede nacional (local) de incubadoras.
- Acesso a prováveis concursos de empreendedores.
- Acesso a divulgação de informações de oportunidades de negócios.
- Aconselhamento e acompanhamento do empreendedor.

No concernente a atividades de apoio ao desenvolvimento empresarial, o empreendedor, cresce com ao auxílio de políticas viradas aos empreendedores, por forma a incutir-lhes a capacidade de desenvolvimento próprio de produtos, marcas ou serviços. Ainda de acordo com o Faq-Empreendedorismo, considera que as atividades inerentes ao desenvolvimento empresarial, são as seguintes:

- Planeamento do negócio através da elaboração do plano de negócios.
- Recuperação e reestruturação de empresas.
- Acesso ao financiamento.
- Identificação de novas oportunidades de negócios.
- Desenvolvimento de novos produtos, marcas e serviços.
- Aconselhamento e acompanhamento da empresa.

2.5.2. Instituições de ensino e planos curriculares na província do Kuanza Sul

Na província do Kuanza Sul, o surgimento de instituições de ensino de nível médio, tem sofrido um incremento com a consolidação da paz. De referir, que ao longo do conflito armado, apenas o município do Sumbe tinha erguido instituições de ensino médio (Instituto Médio Normal de Educação, atual Escola de Formação de Professores, e o Instituto Nacional de Petróleos), o que obrigou muitos a deslocarem-se dos seus municípios para se instalarem no Sumbe ou noutras províncias, com condições para o efeito.

A província conta com instituições de ensino médio ou do II ciclo do ensino secundário, em todos os municípios que compõe a mesma, na qual se destacam, as escolas que são objeto de estudo (Instituto Médio Politécnico do Sumbe, Instituto Médio de Saúde do Sumbe, Instituto Nacional de Petróleo, e Instituto Médio Agrário da Cela). A oferta formativa é diversificada em várias áreas, como a formação de professores, ciências sociais, ciências económicas e jurídicas, indústria, agropecuária, e com previsão de se implementar a construção de instituições de economia e gestão, pescas e educação física. Conta também com três instituições de ensino superior (Instituto Superior de Ciências de Educação do Kuanza Sul, Instituto Superior Politécnico de Porto Amboim e Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul).

A Figura 1, referencia, o Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul - ISPKS. É uma instituição de ensino superior afeta a Universidade *Katavala Buila* na região académica II, que foi fundada a 18 de junho de 2008, comporta atualmente 10 salas de aulas, 6 laboratórios, 11 gabinetes e um auditório com capacidade de 67 estudantes, 84 docentes e 53 funcionários administrativos, conta com cinco cursos técnicos ministrados, sendo Agronomia, Contabilidade e Gestão, Enfermagem, Gestão Agrária e Zootecnia, até 2013 contava com 1.137 estudantes, desde a sua fundação, já formou mais de 388 graduados com o grau de Bacharelato entregues ao mercado do trabalho e 17 dos quais em formação na Ásia e Europa para potenciar o quadro docente da instituição, (Portalangop.co.ao, 2014).

Nesta instituição para o ano letivo 2015/2016, já está incluído no plano curricular de licenciatura, em Zootecnia, a designação da disciplina de empreendedorismo, por forma a familiarizar os estudantes com a atividade empreendedora. No caso da Zootecnia, trata-se de empreendedorismo rural (Lino, 2014).



Figura 1: Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul.

A Figura 2, apresenta o Instituto Médio Agrário da Cela - IMAC, na localidade de Waco Kungo, foi construído em 2007 pelo governo angolano no programa de reconstrução nacional, contém salas de aula, laboratórios, campo desportivo, anfiteatro, *campus* de experimentação, internato, refeitório, e uma capacidade formativa de 1.050 alunos, 49 docentes, ministra os cursos técnicos de Gestão Agrária, Produção Animal, Produção Vegetal, e já formou mais de 400 técnicos desde a sua fundação, (Portalangop.co.ao, 2014).



Figura 2: Instituto Médio Agrário do Waco Kungo-Cela.

A Figura 3 representa, o Instituto Médio de Saúde do Sumbe - IMSS, situada no município do Sumbe, transitou da então Escola Técnica de Saúde que formava técnicos básicos de Saúde, desde 2012, surgiu como forma de minimizar a fuga de quadros locais, bem como a necessidade que muitos técnicos básicos sentiam para concluírem o ensino médio e tendo que se deslocar, para outras províncias, como Benguela e Luanda.

Com 27 docentes, a instituição está em ampliação e construção de mais salas de aulas, com 646 enfermeiros auxiliares em formação, leciona os cursos técnicos de Análises Clínicas, Farmácia, Medicina Geral e Laboratório. É previsão implementarem mais cursos com a conclusão das obras, (Pedro, 2013).



Figura 3: Instituto Médio de Saúde do Sumbe.

A Figura 4, diz respeito ao Instituto Médio Politécnico do Sumbe - IMPS, fundado a 12 de Fevereiro de 2008, possui 18 Salas de aulas, Laboratórios, Oficinas, campo desportivo, com 32 professores entre nacionais e expatriados, leciona cursos técnicos de Energia e Instalações Elétricas, Mecânica de Frio e Climatização. É perspectiva implementar nos próximos anos os cursos técnicos de Contabilidade e Gestão e Construção Civil, e já formou até 2013 cerca de 628 quadros para o mercado do trabalho, (Portalangop.co.ao, 2014).



Figura 4: Instituto Médio Politécnico do Sumbe.

A Figura 5, ilustra o Instituto Nacional de Petróleos - INP, que dista 13 quilómetros da cidade do Sumbe é uma instituição de nível médio fundado em 1979, é tutelada pelo ministério dos Petróleos, cuja missão é formar quadros para indústria petrolífera angolana e não só. Ministra cursos técnicos de Perfuração e Produção, Minas, Geologia, Mecânica de Manutenção, Instrumentação, Processamento de Gás, Geologia de Petróleo, Refinação.

Também leciona cursos de superação profissional de Eletricidade Industrial, Informática, Inglês, Operadores de Produção, Refrigeração, tem capacidade formativa e internato para mais de 1000 alunos, com 89 docentes entre nacionais e expatriados. Desde 1983 já formou cerca de 4.000 técnicos médio e de formação profissional e tem previsto para breve a abertura de cursos de nível superior e a internacionalização do perfil de saída dos estudantes (Francisco, 2014).



Figura 5: Instituto Nacional de Petróleos.

A Figura 6, mostra o Centro Local de Empreendedorismo e Serviços Local de Emprego - CLESE, inaugurado a 12 de Novembro de 2012, tem capacidade formativa, para 96 formandos por ciclo formativo, na qual a primeira fase de formação contou com 144 formandos, desses chegaram ao fim da formação 115 e terminaram o projeto de fim de curso 87 finalistas e destes, 85 projetos foram apurados e beneficiaram de certificados e *kits* profissionais (Bastos, 2014). De referir que as áreas na qual foram aprovados os projetos, são os setores da agropecuária, pescas, comércio, prestação de serviços.



Figura 6: Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego do Sumbe

A partir da Figura 7, observa-se, o Centro de Formação Profissional do Cuacra - CFPC, numa sessão de encerramento de um dos Cursos. Situado na comuna da Gangula, dista 30 quilómetros a Oeste da cidade do Sumbe, existe desde 1982 quando era centro de apoio aos Namibianos da *Swapo*, possui capacidade formativa para 200 formandos em regime de internato e estruturas para o efeito nas áreas em causa.

Com sete laboratórios e sete formadores, até 2013, já formou cerca de 2000 técnicos em diversas especialidades para o mercado de trabalho, como Eletricidade de Baixa Tensão, Mecânica Auto, Carpintaria, Serralharia, Canalização, Alvenaria, Agricultura Geral (Umbonde, 2013).

Muitos destes formandos, já trabalham, mas não têm certificação, e aproveitam a formação e a certificação do INEFOP. Outros congregam-se em cooperativas e desenvolvem suas atividades de forma normal.



Figura 7: Centro de Formação Profissional do Cuacra.

A Figura 8, representa o processo de formação e ensino no Pavilhão de Artes e Ofício da Gabela - PAOG, criado em Julho de 2006, comporta quatro oficinas, um arrumo adaptado, uma sala de informática, já formou mais de 611 jovens nas especialidades de Serralharia, Eletricidade de Baixa Tensão, Informática, Mecânica e Alvenaria, conta com formadores local e o ciclo formativo tem a duração de nove meses (Portalangop.co.ao, 2014). Nesta imagem observa-se o Formador que é empreendedor de referência na província do Kuanza Sul, tem habilidades para desenvolver muitos ofícios (serralharia, bate chapa, eletricidade auto, mecânica auto, torneiro mecânico, cujo nome é Alfredo Neves, apelidado de Faz Tudo, está a graduar-se em Agronomia pelo ISPKS).

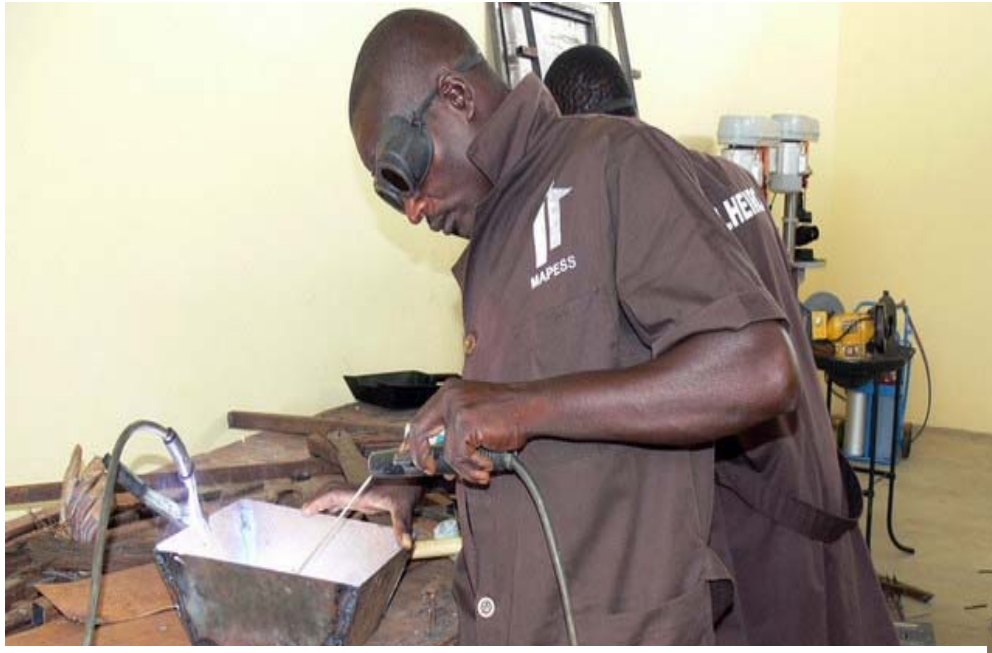


Figura 8: Pavilhão de Artes e Ofício da Gabela.

2.6. Atividade Empreendedora na Província do Kuanza Sul

A atividade empreendedora na província, toma cada vez mais impacto, com a criação de projetos empreendedores e ações que visam a formação de empreendedores natos que desenvolvem projetos em várias áreas da economia local e nacional.

De acordo com o GEM (2012), para o desenvolvimento da atividade empreendedora o executivo local assume um papel fundamental, uma vez que os empreendedores fomentam a inovação e a competitividade, funcionando como catalisadores das alterações estruturais essenciais à economia e incentivando as empresas a melhorarem a sua produtividade.

O Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional - INEFOP, no Kuanza Sul, incentivou os estudantes rumo ao empreendedorismo, numa palestra promovida. Entre outros assuntos os estudantes receberam instruções de como iniciar, gerir um negócio e criar uma empresa (Portalangop.co.ao, 2014).

Para Helena (2014), formador de empreendedorismo, o programa já é um sucesso no país é fruto do empenho dado pelo executivo que permitiu que em 2007, fosse criada a primeira incubadora de empresas, que deu lugar ao surgimento de seis pequenas e médias empresas.

O Programa Angola Jovem no Kuanza Sul - PAJKS, apoiou vários empreendedores, com materiais e 1003 jovens de ambos o género, beneficiaram neste ano de vários *kits* profissionais e de crédito bancário. Ainda no âmbito do Programa Angola Jovem - PAJ o governo da província distribuiu em 81

cooperativas, 421 *kits* e 514 receberam créditos bancários através do Banco de Poupança e Crédito - BPC que disponibilizou 383.762 dólares (Silva, 2011).

Na província do Kuanza Sul funcionam oito balcões de empreendedores, segundo o qual em 2012 vários empreendedores beneficiaram de financiamentos, cuja dívida não reembolsada dos empreendedores dos municípios de Porto Amboim e Cela, ao BÚE, ascende ao valor 283 milhões 427 mil 900 Kuanzas (Portalangop.co.ao, 2014).

O projeto Terra do Futuro no município da Quibala, criado em 2009, cujo objetivo é formar jovens empresários agrícolas, já começa a dar os seus resultados. Com cerca de 60 fazendas previstas com 25 hectáres, o projeto cria mais de mil postos de trabalho e permite uma produção de 72 mil toneladas em cinco produtos essenciais na família dos cereais e leguminosas - arroz, milho, soja, feijão e trigo, que contribuirá para autosuficiência alimentar, através da destresa e vontade de acreditar desta classe empreendedora e gerar mais empresários agrícolas e contribuir para diversificação e desenvolvimento da economia nacional (João, 2012).

Quarenta mulheres empresárias da província do Kuanza Sul, participaram num seminário de capacitação sobre o empreendedorismo no município de Porto Amboim (Chirino, 2013). Ainda de acordo com o mesmo autor, os Jovens do município do Sumbe, enaltecem os programas virados ao empreendedorismo que tem possibilitado o fomento do emprego e a satisfação das necessidades das famílias de muitos jovens.

Os 85 finalistas do curso de empreendedorismo levado a cabo pelo Clese do Sumbe em 2013, beneficiaram de *kits* de formação e já começaram a desenvolver projetos nos setores agropecuário, pesca, prestação de serviços (comércio e distribuição de gás, comercialização de produtos diversos, auditoria e contabilidade), na sua maioria localizados no Sumbe e Cassongue com impacto direto na balança económica local e nacional (Bartolomeu, 2014).

3. Metodologia de Investigação

3.1. Objetivo do Estudo e Hipóteses de Investigação

A opção do tema em estudo prende-se não só com a sua pertinência e atualidade, mas também fundamentalmente, com a necessidade de aumentar o conhecimento nesta área, nomeadamente no contexto angolano da província do Kuanza Sul.

Se é certo que existe um número significativo de fontes empíricas sobre a intenção empreendedora nos sistemas de ensino, é bem verdade que o empreendedorismo em Angola está a dar os primeiros passos.

Neste sentido, a presente investigação apresenta como principal objetivo identificar as principais intenções, perfil e capacidade empreendedora dos estudantes, dos cursos técnicos do sistema de ensino angolano da província do Kuanza Sul. Para dar resposta ao principal objetivo do estudo, estabeleceram-se as seguintes hipóteses de investigação:

- Hipótese de Investigação 1: Os estudantes apresentam uma predisposição para o empreendedorismo;
- Hipótese de Investigação 2: Existem diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográficas (género, sistema de ensino) relativamente à Capacidade Empreendedora;
- Hipótese de Investigação 3: A Capacidade Empreendedora encontra-se relacionada positivamente com as dimensões Independência, Criatividade, Motivação, Autodisciplina, Autoconfiança, Capacidade de risco;
- Hipótese de Investigação 4: Existe uma associação entre a Capacidade Empreendedora e a experiência empresarial familiar;
- Hipótese de Investigação 5: Identificação dos traços característicos do futuro empreendedor.

Assim, para uma melhor compreensão do relacionamento dos traços característicos de um empreendedor com a Capacidade Empreendedora, apresenta-se a sua relação de forma esquemática (Figura 9).

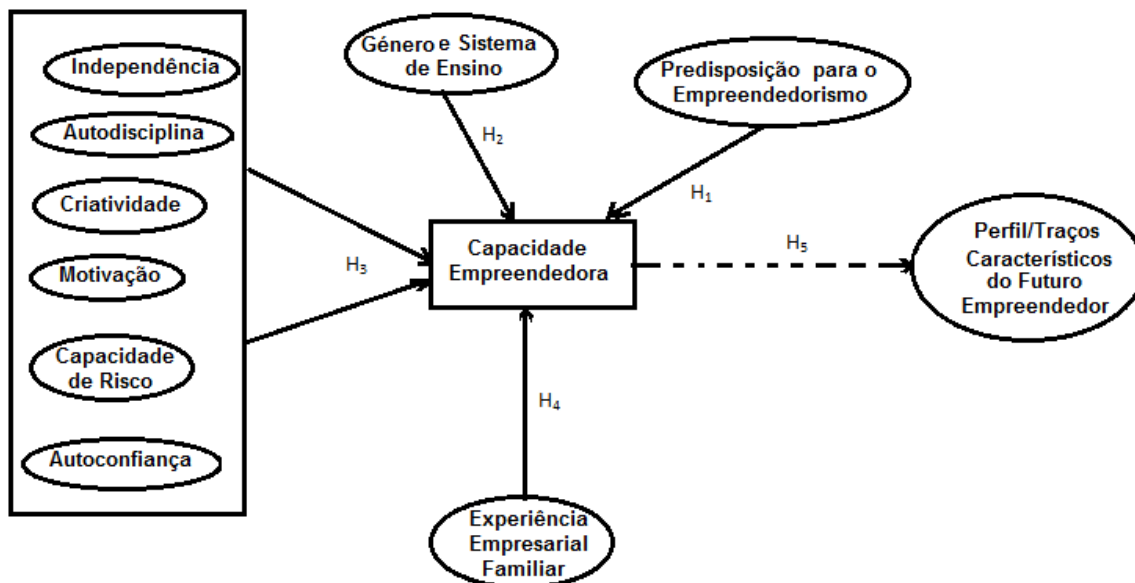


Figura 9: Modelo de Capacidade Empreendedora e Traços Característicos do futuro Empreendedor.

3.2. Instrumento de Recolha de Dados

A recolha de dados baseou-se na aplicação de um inquérito por questionário no terreno, aos estudantes que frequentam os três subsistemas de ensino que compõe o sistema de ensino angolano, ensino superior técnico, ensino médio técnico e ensino técnico profissional.

A aplicação do instrumento de recolha de dados foi realizada entre Novembro de 2013 a Abril de 2014, com as respetivas autorizações dos Diretores.

O instrumento de recolha de dados já foi aplicado por Costa (2013) e adaptado à realidade angolana. O mesmo encontra-se estruturado da seguinte forma e pode ser visualizado no Anexo I:

Parte I - Caracterização Sociodemográfica, com oito questões.

Parte II - Percepções sobre o Futuro, com oito questões.

Parte III - Capacidade Empreendedora, com sessenta questões. De salientar ainda, que estas questões permitem classificar 6 dimensões, tal como apresentado na Tabela 2. As questões deste grupo foram medidas na escala de *Likert* de 5 pontos onde: 1 - Nunca, 2 - Raramente, 3 - Algumas vezes, 4 - Frequentemente e 5 - Sempre.

Tabela 2: Dimensão vs itens.

Dimensões	Itens
Independência	23; 30; 31; 33; 35; 36; 46; 52; 56; 59
Autodisciplina	5; 8; 11; 15; 16; 17; 32; 45; 53; 60
Criatividade	1; 3; 6; 9; 10; 22; 27; 37; 44; 57
Motivação	2; 12; 13; 19; 20; 28; 34; 43; 49; 58
Capacidade de Risco	4; 14; 21; 26; 29; 39; 40; 42; 47; 48
Autoconfiança	7; 18; 24; 25; 38; 41; 50; 51; 54; 55

Relativamente ao grupo de questões que formam o terceiro grupo avaliou-se a consistência interna, através do coeficiente *Alpha de Cronbach*. Este indica em que medida os itens de um conjunto estão correlacionados entre si, variando entre 0 e 1. Quando o seu valor é inferior a 0,6 e 0,7 é Fraca, entre 0,7 e 0,8 é Razoável, entre 0,8 e 0,9 é Boa e superior a 0,9 corresponde a uma circunstância Muito Boa (Pestana & Gageiro, 2008). Para o presente estudo de investigação obteve-se um α de *Cronbach* global de 0,855, para os 60 itens, o que revela uma Boa Consistência, muito próxima de 0,9.

De salientar que o inquérito por questionário foi aplicado nas seguintes instituições:

- Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul - ISPKS, aos cursos técnicos ministrados em Agronomia, Enfermagem, Contabilidade e Gestão, Gestão Agrária e Zootecnia;
- Instituto Médio Agrário da Cela - IMAC, aos cursos técnicos ministrados em Gestão Agrária, Produção Animal e Produção Vegetal;
- Instituto Médio Politécnico do Sumbe - IMPS, aos cursos técnicos ministrados em Mecânica de Frio e Refrigeração, Energia e Instalações Elétricas;
- Instituto Médio de Saúde do Sumbe - IMSS/EFTS, aos cursos técnicos ministrados em Farmácia, Análises Clínicas, Enfermagem Geral;
- Instituto Nacional de Petróleo - INP, aos cursos técnicos ministrados em Geologia, Minas, Perfuração e Produção, Manutenção, Refinação, Instrumentação, Gás, Petróleo;
- Centro Local de Empreendedorismo e Serviços Local de Emprego do Sumbe - CLESE, ao curso de formação em Empreendedorismo;
- Centro de Formação Profissional do Cuacra - CFPC, aos cursos técnicos ministrados em Agricultura Geral, Alvenaria, Canalização, Carpintaria, Eletricidade Geral de Baixa Tensão, Serralharia de Construção Civil, Mecânica Auto;
- Pavilhão de Artes e Ofício do Amboim - PAOG, aos cursos técnicos ministrados em Alvenaria, Serralharia de Construção Civil, Culinária, Eletricidade, Informática, Mecânica Auto.

3.3. Técnicas de Tratamento de Dados

No tratamento dos dados estatísticos e na apresentação dos resultados utilizou-se simultaneamente uma análise descritiva exploratória e uma análise inferencial. De referir que ao longo de todo o estudo e para decidir sobre a rejeição das hipóteses nulas assumiu-se um nível de significância de 5%.

Para a análise descritiva exploratória vai optar-se por utilizar gráficos e tabelas de frequências, bem como as medidas de localização - a média, e dispersão - o desvio padrão. Por outro lado, na análise inferencial do presente estudo pretende-se averiguar a existência de diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográfica dos estudantes relativamente à capacidade empreendedora, bem como analisar a relação entre as variáveis latentes.

Deste modo, no tratamento estatístico, sempre que possível vai aplicar-se testes paramétricos, nomeadamente o *t-Student* no sentido de analisar se existem diferenças para duas amostras independentes e a *One-Way ANOVA* para três ou mais amostras independentes.

Posteriormente e para aplicar os testes paramétricos, para duas amostras independentes, existe a necessidade de verificar a não violação dos pressupostos inerentes aos mesmos. A saber: (i) dimensão da amostra ser igual ou superior a trinta observações ou a variável seguir a distribuição normal, para duas amostras independentes, caso se trate de três ou mais amostras independentes existe a necessidade de cada amostra seguir a normalidade; e (ii) as variâncias serem homogêneas para amostras independentes, utilizando-se o teste de *Levene*. Verificando-se a violação dos pressupostos para 3 ou mais amostras independentes, em alternativa à *One-Way ANOVA* recorre-se ao teste *Kruskal-Wallis*.

No sentido de verificar a correlação entre os constructos Independência, Autodisciplina, Criatividade, Motivação, Capacidade de risco, Autoconfiança, pretende-se aplicar o coeficiente de correlação de *Pearson*. Se o pressuposto da normalidade for violado irá ser utilizado o coeficiente de correlação *Spearman*. Para testas associações entre variáveis qualitativas dicotómicas recorreu-se ao teste de independência de *Fisher*.

3.4. População vs Amostra

A população total em estudo ronda os 3937 indivíduos. Para o cálculo da amostra, assumiu-se um erro amostral de 3,51% e um intervalo de confiança de 95%. Pode ainda dizer-se que se conseguiu obter uma taxa de resposta que ronda os 17%, correspondendo a 655 questionários rececionados. Os questionários foram distribuídos aleatoriamente e proporcionalmente ao número de estudantes que frequentam cada instituição de ensino, porém em termos de questionários rececionados não se garantiu o número proporcional. Todavia, garantiu-se a dimensão da amostra calculada (655

inquiridos), bem como o número de observações por item para a escala de Capacidade Empreendedora (máximo de 10 observações por item).

A amostra é constituída, assim, por 655 estudantes inquiridos, distribuídos em oito instituições de ensino de três municípios, nas escolas do município do Sumbe com 83%, do município da Cela 12% e do município do Amboim - Gabela com 5%.

Na Tabela 3, apresenta-se a taxa de respostas do presente trabalho, por instituições de ensino. Nota-se que o IMPS é a mais representativa 22,4%, CFPC 20,3%, ISPKS 12,2%, IMAC 12,1%, INP 10,4%, CLESE 9,9%, EFTS - IMSS 8,7%, PAOG é a menos representativa pelo número de formandos matriculados que responderam os inquéritos com 4,0%.

Tabela 3: População vs Amostra.

Instituições	População		Amostra (questionários rececionados)	
	N	%	n	%
ISPKS	1147	29,1	80	12,2
IMAC	570	14,4	79	12
EFTS/IMSS	646	16,4	57	8,7
IMPS	556	14,1	147	22,4
INP	635	16,1	68	10,3
CLESE	85	2,12	65	9,92
CFPC	138	3,5	133	20,3
PAOG	160	4,06	26	3,96
TOTAL	3937	100%	655	100%

Os inquiridos foram escolhidos aleatoriamente em função da sua presença nas referidas escolas nos dias da aplicação e recolha dos questionários. De referir que foi uma altura em que os estudantes se encontravam a defender os trabalhos de fim de curso (finalistas), outros a realizarem exames de recurso e alguns já se encontravam em pausa pedagógica.

3.5. Caracterização da Amostra e Perceções Sobre o Futuro

Perante as informações da Tabela 4, referente aos cursos ministrados nas instituições de ensino, a taxa de resposta é maior nos cursos de Mecânica de Frio e Refrigeração 12%, no curso de Energia e Instalações Elétricas 11%, curso de Empreendedorismo 10%, curso de Zootecnia 6,9%, Produção Animal 4,9%, Eletricidade de Baixa Tensão 4,6%, Mecânica Auto 4,1%, a mais baixa é no curso de Culinária com 0,3%.

Tabela 4: Instituições de ensino vs Cursos ministrado.

Instituições	Cursos ministrados	n	%
ISPKS	Agronomia	17	2,6
	Contabilidade e Gestão	6	0,9
	Enfermagem	7	1,1
	Gestão Agrária	6	0,9
	Zootecnia	45	6,9
IMAC	Gestão Agrária	25	3,8
	Produção Animal	32	4,9
	Produção Vegetal	22	3,4
IMPS	Energia e Instalações Elétricas	71	10,8
	Mecânica de Frio e Refrigeração	76	11,6
IMSS-EFTS	Análises Clínicas	18	2,7
	Farmácia	15	2,3
	Laboratório	7	1,1
	Medicina Geral	16	2,4
INP	Geologia	7	1,1
	Instrumentação	4	0,6
	Manutenção	6	0,9
	Minas	16	2,4
	Perfuração e Produção	20	3,1
	Processamento de Gás	7	1,1
	Refinação	8	1,2
	CLESE	Empreendedorismo	65
CFPC	Alvenaria	17	2,6
	Agricultura Geral	10	1,5
	Canalização	24	3,7
	Carpintaria	15	2,3
	Eletricidade Geral de Baixa Tensão	30	4,6
	Mecânica Auto	27	4,1
	Serralharia de Construção Civil	10	1,5
	Eletricidade Geral de Baixa Tensão	9	1,4
PAOG	Culinária	2	0,3
	Informática	6	0,9
	Mecânica Auto	3	0,5
	Alvenaria	6	0,9
	Total		655

Na Tabela 5, pode verificar-se que os anos académicos que os inquiridos frequentam variam do 1.º Ano (Cursos de formação profissional e ensino técnico geral) ao 3.º Ano (finalistas), uma vez que a amostra global é constituída por 655 estudantes que responderam aos inquéritos, o que corresponde a uma taxa de resposta de 66%, sendo que 40,5% são estudantes do 1.º Ano, 9,5% são estudantes do 2.º Ano e 50% são estudantes do 3.º Ano.

Tabela 5: Anos de escolaridade.

	n	%
1.º Ano	265	40,5
2.º Ano	62	9,5
3.º Ano	328	50,1
Total	655	100%

De acordo com as informações de natureza sociodemográfica, a faixa etária dos inquiridos, demonstra que as idades variam dos 14 aos 54 anos, e pode dizer-se que se está perante uma população jovem uma vez que a idade média ronda os 22,49 anos (com um desvio padrão de 4,795).

Pode verificar-se a partir da Tabela 6 que a amostra por género revela que é maioritariamente constituída por estudantes do género masculino com 80,6% contra 19,4% do género feminino. Esta diferença pode dever-se ao fato de maioritariamente dos cursos serem direcionados para áreas de formação de tecnologias.

Tabela 6: Género dos inquiridos.

Género	n	%
Masculino	528	80,6
Feminino	127	19,4
Total	655	100%

A Tabela 7 apresenta a informação inerente as províncias de origem dos inquiridos. O nível de resposta é maior na província do Kuanza Sul com 71,1%, Luanda com 12,7%, Benguela com 3,7% e Huambo com 1,8%, sendo com menor resposta as províncias de Sofala, Namibe, Moxico, Malange com 0,2%.

Tabela 7: Províncias de origem dos inquiridos.

Províncias	n	%	Províncias	n	%
Benguela	24	3,7	Lunda Sul	7	1,1
Bengo	4	0,6	Malange	1	0,2
Bié	4	0,6	Moxico	1	0,2
Cabinda	8	1,2	Namibe	1	0,2
Huambo	12	1,8	Uíge	8	1,2
Huila	7	1,1	Zaire	3	0,5
Kuanza Norte	9	1,4	Cabo Delgado	3	0,5
Kuanza Sul	465	71	Inhambane	3	0,5
Luanda	83	12,7	Zambézia	3	0,5
Lunda Norte	8	1,2	Sofala	1	0,2

Os inquéritos foram aplicados aos estudantes matriculados na província, do Kuanza Sul, com 70%, Luanda com 13% e Benguela com 4%. As demais províncias não têm expressão significativa, tal como se pode observar na tabela anterior.

Quanto às características económicas da amostra total (655), pode verificar-se, a partir da Tabela 8 concernente à atividade profissional remunerada, a maioria dos estudantes não tem ou não teve qualquer atividade profissional remunerada 51,5%. Por outro lado, também com um peso expressivo encontra-se com 48,5% a percentagem dos inquiridos que referiu que já teve atividade profissional remunerada.

Tabela 8: Atividade profissional remunerada.

	n	%
Sim	318	48,5
Não	337	51,5
Total	655	100%

Quanto ao facto de possuir um familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós), que seja empresário, a partir das informações da Tabela 9, registam-se percentagens de respostas positivas 58,5% e respostas negativas 41,5%.

Tabela 9: Familiar próximo que seja empresário.

	n	%
Sim	383	58,5
Não	272	41,5
Total	655	100%

Quanto à questão 8 do questionário referente ao Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego (CLESE), a Tabela 10 é perentória, pois a maioria dos questionados respondeu positivamente, 69,8% já ouviu falar do CLESE e apenas 30,2% nunca ouviu falar do CLESE.

Tabela 10: Conhecimento sobre o CLESE.

	n	%
Sim	457	69,8
Não	198	30,2
Total	655	100%

Foi também propósito conhecer a opinião dos inquiridos sobre o seu percurso aquando do término da sua graduação. Assim, pode ver-se pelos resultados obtidos e apresentados na Tabela seguinte concernente ao empreendedorismo e perceção sobre o futuro, a intenção empreendedora a curto prazo, os inquiridos depois de concluírem o seu curso pretendem trabalhar na função pública 50,5%, criar uma empresa 48,4%, trabalhar numa multinacional 22,9%, continuar com os estudos 10,2%, apenas 8,5% pretende trabalhar numa pequena e média empresa. Talvez uma justificação para o fato dos estudantes pretenderem trabalhar na função pública pode residir na situação em que o Estado ainda tem oferecido uma situação mais estável, quando comparado com as empresas privadas.

Tabela 11: Percurso após terminar a graduação (n=655).

	n	%
Trabalhar na função pública	331	50,5
Trabalhar numa multinacional	150	22,9
Trabalhar numa PME	56	8,5
Criar uma empresa	317	48,4
Estudar	67	10,2

Quando os inquiridos são questionados sobre a possibilidade de algum dia vir a criar um negócio próprio, na Tabela 12, observa-se que a esmagadora maioria, 93,3% inquiridos, respondem positivamente e 6,7% responde que não vê a possibilidade de vir a ter o seu próprio negócio.

Tabela 12: Possibilidades de vir a ter negócio próprio (n=655).

	n	%
Sim	611	93,3
Não	44	6,7
Total	655	100

Na Tabela 13, pode constatar-se que, quanto ao tempo que os inquiridos esperam para iniciar o seu próprio negócio, após a conclusão do seu curso, é no máximo 2 anos 50,1% e entre 2 a 5 anos 27,5%, entre 6 a 10 anos 10,8% e mais de 10 anos 4,9%.

Tabela 13: Tempo de espera após a conclusão da graduação para iniciar o negócio (n=655).

	n	%
No máximo, 2 anos	328	50,1
Entre 2 a 5 anos	180	27,5
Entre 6 a 10 anos	71	10,8
Mais de 10 anos	32	4,9

Como se pode verificar, anteriormente, maioritariamente os estudantes pretendem um dia criar o seu próprio negócio, 93,3%. Assim, os mesmos foram inquiridos no sentido de ao criarem o seu próprio negócio qual o mercado que beneficiariam, pelo que a maioria respondeu servir o mercado angolano 61,4%, seguindo-se o mercado local 43,1%, africano 11,5%, mundial 8,4%, austral 6,6% e moçambicano 0,2%. Conclui-se que a internacionalização dos negócios não está nos seus planos de acordo, tal como se pode verificar na Tabela 14.

Tabela 14: Tipo de mercado a beneficiar (n=655).

	n	%
Local	282	43,1
Angolano	402	61,4
Austral	43	6,6
Africano	75	11,5
Mundial	55	8,4
Moçambicano	1	0,2

Na Tabela 15, os inquiridos, respondem que os dois principais riscos que mais temem ou receiam para criar um novo negócio é a possibilidade do negócio ir a falência 42,6% e incertezas quanto ao rendimento 39,4%, se bem que eles também temem a insegurança no trabalho 35,7 % e a possibilidade de haver falhas a nível do pessoal 32,7%.

Tabela 15: Receio para o início do novo negócio (n=655).

	n	%
Incerteza quanto ao rendimento	258	39,4
Insegurança no Trabalho	234	35,7
Sacrificar os bens pessoais	160	24,4
Dedicar demasiado tempo	156	23,8
Possibilidade Falha a nível pessoal	214	32,7
Negocio ir a falência	279	42,6
Outros riscos	4	0,6

Questionados sobre os principais entraves para a criação de uma empresa em Angola, de acordo com as informações da Tabela 16, os inquiridos respondem que os dois principais entraves são a burocracia de entidades governamentais 42,7% e dificuldades em obter financiamentos de privados (bancos, capital de riscos, etc.) 29,9%.

Tabela 16: Entraves à criação de empresas em Angola (n=655).

	n	%
Burocracia das entidades	280	42,7
Clima económico desfavorável	186	28,4
Ausência de informação disponível	178	27,2
Ausência de apoio financeiros do estado	153	23,4
Elevado montante para criar empresa	139	21,2
Rigidez do mercado de trabalho	172	26,3
Dificuldade para obter financiamentos	196	29,9
Outros entraves	3	0,5

Sobre o local onde devem ser ensinados conhecimentos básicos sobre a gestão e criação de um negócio, a partir das informações da Tabela 17, os inquiridos responderam positivamente que devem ser ensinado nas escolas secundárias 64,1%, nas escolas profissionais 57,3%, na formação profissional 51%, nos seminários e *workshops* 35,4%, nas licenciaturas 27%, pós graduação 15% e os de mais não têm expressão significativa.

Tabela 17: Locais de ensino sobre a criação e gestão de um negócio (n=655).

	n	%
Escolas secundárias	420	64,1
Escolas profissionais	375	57,3
Licenciatura	177	27
Pós-Graduação	101	15,4
Seminários/Workshops	232	35,4
Formação profissional	334	51
Em nenhum lugar	9	1,4
Outros locais	1	0,2

Quanto à perceção dos estudantes sobre o sistema de ensino angolano em relação ao ensino de temáticas sobre o empreendedorismo, na Tabela 18 apresentam-se os resultados onde se pode observar que os inquiridos acreditam que enquanto estudantes o sistema educativo angolano, desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa, pois obteve-se uma percentagem de 67,8%, contra 32,2% onde os inquiridos referem que não acreditam que o sistema educativo angolano não desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa.

Tabela 18: Afirmações que mais se adequam às suas opiniões.

	n	%
Enquanto estudante acredito que o nosso sistema de ensino desenvolve predisposição para criarmos a nossa própria empresa.	444	67,8
Enquanto estudante não acredito que o nosso sistema de ensino desenvolve predisposição para criarmos a nossa própria empresa.	211	32,2
Total	655	100

Perante o que foi apresentado ao longo do presente ponto pode concluir-se que:

A taxa de respostas do presente trabalho, por instituições de ensino, nota-se que o IMPS é a mais representativa 22,4%, CFPC 20,3%, ISPKS 12,2%, IMAC 12,1%, INP 10,4%, CLESE 9,9%, EFTS - IMSS 8,7%, PAOG é a menos representativa pelo número de formandos matriculados que responderam os inquéritos com 4,0%.

Quanto aos cursos ministrados nas instituições de ensino, a taxa de resposta é maior nos cursos de Mecânica de Frio e Refrigeração 12%, no curso de Energia e Instalações Elétricas 11%, curso de Empreendedorismo 10%, curso de Zootecnia 6,9%, Produção Animal 4,9%, Eletricidade de Baixa Tensão 4,6%, Mecânica Auto 4,1%, a mais baixa é no curso de Culinária com 0,3%.

No tocante aos anos académicos que os inquiridos frequentam variam do 1.º Ano (Cursos de formação profissional e ensino técnico geral) ao 3.º Ano (finalistas), uma vez que a amostra global é constituída por 655 estudantes que responderam aos inquéritos, o que corresponde a uma taxa de resposta de 66%, sendo que 40,5% são estudantes do 1.º Ano, 9,5% são estudantes do 2.º Ano e 50% são estudantes do 3.º Ano.

De acordo com as informações de natureza sociodemográfica, a faixa etária dos inquiridos, demonstra que as idades variam dos 14 aos 54 anos, e pode dizer-se que se está perante uma população jovem uma vez que a idade média ronda os 22,49 anos (com um desvio padrão de 4,80).

Pode verificar-se que a amostra por género, revela que é maioritariamente constituída por estudantes do género masculino com 80,6% contra 19,4% do género feminino. Esta diferença pode dever-se ao facto de maioritariamente dos cursos serem direcionados para áreas de formação de tecnologias.

A informação inerente as províncias de origem dos inquiridos, o nível de respostas são maior na província do Kuanza Sul com 71,1%, Luanda com 12,7%, Benguela com 3,7% e Huambo com 1,8%, sendo com menor resposta nas províncias de Sofala, Namibe, Moxico, Malange com 0,2%.

Quanto às características económicas da amostra total (655), pode verificar-se, que quanto à atividade profissional remunerada, a maioria dos estudantes não tem ou não teve qualquer atividade profissional remunerada 51,5%. Por outro lado, também com um peso expressivo encontra-se com 48,5% a percentagem dos inquiridos que referiu que já teve atividade profissional remunerada.

Foi também propósito conhecer a opinião dos inquiridos sobre o seu percurso aquando do término da sua graduação. Concernente ao empreendedorismo e perceção sobre o futuro, a intenção empreendedora a curto prazo, os inquiridos depois de concluírem o seu curso pretendem trabalhar na função pública 50,5%, criar uma empresa 48,4%, trabalhar numa multinacional 22,9%, continuar com os estudos 10,2%, apenas 8,5% pretende trabalhar numa pequena e média empresa. Talvez uma justificação para o facto de os estudantes pretenderem trabalhar na função pública pode residir na situação em que o Estado ainda tem oferecido uma situação mais estável, quando comparado com as empresas privadas.

Quanto ao facto de possuir um familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós), que seja empresário, registam-se percentagens de respostas positivas 58,5% e respostas negativas 41,5%.

Quanto ao Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego (CLESE), a maioria dos questionados respondeu positivamente, 69,8%, já ouviu falar do CLESE e apenas 30,2% nunca ouviu falar do CLESE.

Quando os inquiridos são questionados sobre a possibilidade de algum dia vir a criar um negócio próprio, observa-se que a esmagadora maioria, 93,3% inquiridos, respondem positivamente e 6,7% responde que não vê a possibilidade de vir a ter o seu próprio negócio da tem oferecido uma situação mais estável, quando comparado com as empresas privadas.

Pode constatar-se que, o tempo que os inquiridos esperam para iniciar o seu próprio negócio, após a conclusão do seu curso, é no máximo 2 anos 50,1% e entre 2 a 5 anos 27,5%, entre 6 a 10 anos 10,8% e mais de 10 anos 4,9%.

Os estudantes pretendem um dia criar o seu próprio negócio, 93,3%. Assim, os mesmos foram inquiridos no sentido de ao criarem o seu próprio negócio qual o mercado que beneficiariam, pelo que a maioria respondeu servir o mercado angolano 61,4%, seguindo-se o mercado local 43,1%, africano 11,5%, mundial 8,4%, austral 6,6% e moçambicano 0,2%. Conclui-se que a internacionalização dos negócios não está nos seus planos.

Os inquiridos, respondem que os dois principais riscos que mais temem ou receiam para criar um novo negócio é a possibilidade do negócio ir a falência 42,6% e incertezas quanto ao rendimento 39,4%, se bem que eles também temem a insegurança no trabalho 35,7 % e a possibilidade de haver falhas a nível do pessoal 32,7%.

Os principais entraves para a criação de uma empresa em Angola, são a burocracia de entidades governamentais 42,7% e dificuldades em obter financiamentos de privados (bancos, capital de riscos, etc.) 29,9%.

O local aonde devem ser ensinados conhecimentos básicos sobre a gestão e criação de um negócio, os inquiridos responderam positivamente que devem ser ensinado nas escolas secundárias 64,1%,

nas escolas profissionais 57,3%, na formação profissional 51%, nos seminários e *workshops* 35,4%, nas licenciaturas 27%, pós graduação 15 % e os de mais não têm expressão significativa.

A perceção dos estudantes sobre o sistema de ensino angolano em relação ao ensino de temáticas sobre o empreendedorismo, os inquiridos acreditam que enquanto estudantes o sistema educativo angolano, desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa, pois obteve-se uma percentagem de 67,8%, contra 32,2%, onde os inquiridos referem que não acreditam que o sistema educativo angolano não desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

4.1. Intenção Empreendedora dos Estudantes: Uma análise descritiva exploratória

O presente ponto tem por finalidade apresentar e analisar os resultados dos inquéritos obtidos, sobre a intenção e capacidade empreendedora dos estudantes dos cursos técnicos nos três subsistemas de ensino. Desta forma, pretende-se dar resposta aos objetivos propostos tendo por base as 60 questões que compõem as 6 dimensões já referidas anteriormente.

Tabela 19: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Independência (n=655).

Itens	1	2	3	4	5	Média	Desvio Padrão
23. Relaciona-se com pessoas influentes.	22 3,40%	68 10,40%	140 21,40%	186 28,40%	239 36,50%	3,84	1,12
30. Tenho tendência a revoltar-me contra a autoridade.	71 10,80%	81 12,40%	100 15,30%	178 27,20%	225 34,40%	3,62	1,35
31. Ajo de acordo com o que penso.	20 3,10%	53 8,10%	118 18,00%	181 27,60%	283 43,20%	4	1,10
33. A minha liberdade é um bem precioso.	12 1,80%	25 3,80%	96 14,70%	154 23,50%	368 56,20%	4,28	0,97
35. Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho.	15 2,30%	26 4,00%	82 12,50%	99 15,10%	433 66,10%	4,39	1,00
36. Gosto de tomar iniciativas.	24 3,70%	26 4,00%	71 10,80%	174 26,60%	360 55,00%	4,25	1,04
46. Gosto de responsabilidades.	11 1,70%	31 4,70%	123 18,80%	182 27,80%	308 47,00%	4,14	0,99
52. Consideram-me, por vezes teimoso(a).	21 3,70%	31 4,70%	132 20,20%	198 30,20%	270 41,20%	4,01	1,06
56. Alegro-me, frequentemente, estar só.	41 6,30%	54 8,20%	124 18,90%	169 25,80%	267 40,80%	3,87	1,21
59. Gosto de ser "senhor(a) das Situações".	16 2,40%	31 4,70%	79 12,10%	236 36,00%	293 44,70%	4,16	0,97
Global						4,05	0,51

Nota: 1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Frequentemente; 5-Sempre.

A partir dos resultados obtidos na Tabela 19, verifica-se que as questões que tiveram a média superior à média global foram as seguintes: Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho com a média de 4,39 (desvio padrão de 1,00); A minha liberdade é um bem precioso com a média de 4,28 (desvio padrão de 0,97); Gosto de tomar iniciativas com a média de 4,25 (desvio padrão de 1,04); Gosto de

ser senhor (a) das situações com uma média de 4,16 (desvio padrão de 0,97); Gosto de responsabilidades com uma média de 4,14 (desvio padrão de 0,99); Consideram-me por vezes teimoso (a) com uma média de 4,01 (desvio padrão de 1,06); Ajo de acordo com o que penso com a média de 4,0 (desvio padrão de 1,10). As questões que tiveram a média inferior a média global foram as seguintes: Alegro-me frequentemente estar só com uma média de 3,87 (desvio padrão de 1,21); Relaciono-me com pessoas influentes com a média de 3,84 (desvio padrão de 1,12); Tenho tendência em revoltar-se contra a autoridade com a média na ordem dos 3,62 (desvio padrão de 1,35).

Tabela 20: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Autodisciplina (n=655).

Itens	1	2	3	4	5	Média	Desvio Padrão
3.5. Termino o que começo mesmo que tal implique muito trabalho.	38 5,80%	87 13,30%	138 21,10%	149 22,70%	243 37,10%	3,72	1,24
3.8. Sou capaz de trabalhar durante o tempo necessário para levar a cabo um projeto.	31 4,70%	64 9,80%	121 18,50%	175 26,70%	264 40,30%	3,88	1,18
3.11. Tenho uma boa capacidade de concentração.	25 3,80%	67 10,20%	142 21,70%	160 24,40%	261 39,80%	3,86	1,16
3.15. Sou tenaz (persistente).	26 4,00%	39 6,00%	135 20,60%	198 30,20%	257 39,20%	3,95	1,09
3.16. Ponho em prática as minhas "boas" resoluções.	14 2,10%	49 7,50%	133 20,30%	208 31,80%	251 38,30%	3,97	1,03
3.17. Procuo entender os meus erros para tirar partido deles.	19 2,90%	49 7,50%	136 20,80%	196 29,90%	255 38,90%	3,95	1,07
3.32. Idealizar um projeto tira-me o sono.	19 2,90%	46 7,00%	105 16,00%	184 28,10%	301 46,00%	4,07	1,07
3.45. Sempre que desejo fazer qualquer coisa, vejo claramente as consequências das minhas ações.	9 1,40%	56 8,50%	116 17,70%	225 34,40%	249 38,00%	3,99	1,01
3.53. Mesmo que não seja agradável, faço o que é preciso.	16 2,40%	53 8,10%	104 15,90%	217 33,10%	265 40,50%	4,01	1,05
3.60. Sou uma pessoa motivada e desejo ser bem sucedido(a).	10 1,50%	16 2,40%	43 6,60%	89 13,60%	497 75,90%	4,6	0,83
Global						4,00	0,46

Nota: 1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Frequentemente; 5-Sempre.

Pelos resultados apresentados na Tabela 20, pode deduzir-se que as questões que tiveram as médias superiores à média global, foram: São pessoas motivadas e desejam ser bem-sucedido(a), com uma média de 4,6 (desvio padrão de 0,83); Idealizar um projeto tira-me sono com a média de 4,07 (desvio padrão de 1,07); Mesmo que não seja agradável faço o que é preciso com a média de 4,01 (desvio padrão de 1,05); Sempre que desejo fazer qualquer coisa vejo claramente consequências das minhas

ações com a média de 3,99 (desvio padrão de 1,01). As questões que obtiveram as médias inferiores à média global foram: Ponho em prática as minhas 'boas' resoluções, com a média de 3,97 (desvio padrão de 1,03); Procuo entender os meus erros para tirar partido deles com a média de 3,95 (desvio padrão de 1,07); Sou tenaz (persistente) com a média de 3,95 (desvio padrão de 1,09); Sou capaz de trabalhar o tempo necessário para levar a cabo um projeto média de 3,88 (desvio padrão 1,18); Tenho uma boa capacidade de concentração, com a média de 3,86 (desvio padrão de 1,16); Termino sempre o que começo, mesmo que tal implique muito trabalho com a média 3,72 (desvio padrão de 1,24).

A partir das informações da Tabela 21, conclui-se que as questões que obtiveram as médias superiores à média global, foram: Considero os meus problemas apostar a vencer com a média de 4,22 (desvio padrão de 0,92); Sou curioso(a) com uma média de 4,15 (desvio padrão de 0,92); Tenho boa capacidade de adaptação com uma média de 4,1 (desvio padrão de 1,02); Experimento fazer as coisas de diversas maneiras com a média de 4,05 (desvio padrão de 1,23); Estou aberto a novas ideias com a média de 4,04 (desvio padrão de 1,09).

Tabela 21: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Criatividade (n=655).

Itens	1	2	3	4	5	Média	Desvio Padrão
3.1. Experimento fazer as coisas de diversas maneiras.	41 6,30%	43 6,60%	107 16,30%	115 17,60%	349 53,30%	4,05	1,23
3.3. Utilizo com frequência, objetos comuns de uma forma original.	27 4,10%	57 8,70%	170 26,80%	202 30,80%	199 30,40%	3,75	1,10
3.6. Tenho faculdade de encontrar todo tipo de soluções para os meus problemas.	40 6,10%	76 11,60%	158 24,10%	165 25,20%	216 33,00%	3,67	1,21
3.9. Tenho muita imaginação.	34 5,20%	72 11,00%	119 18,20%	175 26,70%	255 38,90%	3,83	1,20
3.10. Tenho ideias inovadoras.	30 4,60%	65 9,90%	143 21,80%	174 26,60%	243 37,10%	3,82	1,16
3.22. Estou aberto a ideias novas.	18 2,70%	54 8,20%	111 16,90%	174 26,60%	298 45,50%	4,04	1,09
3.27. Tenho tendência para ser muito intuitivo.	19 2,90%	47 7,20%	157 24,00%	217 33,10%	215 32,80%	3,86	1,048
3.37. Sou curioso.	8 1,20%	21 3,20%	125 19,10%	214 32,70%	287 43,80%	4,15	0,92
3.44. Tenho boa capacidade de adequação.	13 2,00%	43 6,60%	103 15,70%	201 30,70%	295 45,00%	4,1	1,02
3.57. Considero os meus problemas apostas a vencer.	8 1,20%	28 4,30%	91 13,90%	210 32,10%	318 48,50%	4,22	0,92
Global						3,95	0,44

Nota: 1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Frequentemente; 5-Sempre.

Por outro lado, e continuando a fazer a leitura dos valores apresentados na tabela anterior, as questões que obtiveram as médias inferiores à média global, foram: Tenho tendência em ser muito intuitivo com média de 3,86 (desvio padrão de 1,04); Tenho muita imaginação média de 3,83 (desvio padrão de 1,20); Tenho ideias inovadoras com a média de 3,82 (desvio padrão de 1,16); Utilizo com frequência objetos comuns de a forma original média 3,75 (desvio padrão de 1,10); Tenho a faculdade de encontrar todo tipo de soluções para os meus problemas com a média de 3,67 (desvio padrão de 1,21).

A partir das informações da Tabela 22, conclui-se que as questões que tiveram as médias superiores à média global, foram as seguintes: Sou otimista com uma média de 4,37 (desvio padrão de 0,92); Sou determinado com uma média de 4,26 (desvio padrão de 0,92); Sou responsável com uma média de 4,16 (desvio padrão de 0,98).

Tabela 22: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Motivação (n=655).

Itens	1	2	3	4	5	Média	Desvio Padrão
3.2. Sou motivado.	19 2,90%	32 4,90%	108 16,50%	244 37,30%	252 38,50%	4,04	1,00
3.12. Estou disposto(a) a fazer sacrifícios se espero uma recompensa a longo prazo.	28 4,30%	64 9,80%	149 22,70%	188 28,70%	226 34,50%	3,79	1,14
3.13. Tento mesmo o impossível.	28 4,30%	80 12,20%	158 24,10%	165 25,20%	224 34,20%	3,73	1,17
3.19. Sou ambicioso.	54 8,20%	62 9,50%	144 22,00%	172 26,30%	223 34,00%	3,68	1,25
3.20. Sou perseverante.	20 3,10%	64 9,80%	125 19,10%	204 31,10%	242 36,90%	3,89	1,10
3.28. Sou corajoso.	19 2,90%	50 7,60%	136 20,80%	189 28,90%	261 39,80%	3,95	1,08
3.34. Sou otimista.	10 1,50%	26 4,00%	64 9,80%	169 25,80%	386 58,90%	4,37	0,92
3.43. Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário.	26 4,00%	57 8,70%	144 22,00%	219 33,40%	209 31,90%	3,81	1,09
3.49. Sou responsável.	11 1,70%	36 5,50%	97 14,80%	205 31,30%	306 46,70%	4,16	0,98
3.58. Sou determinado.	8 1,20%	22 3,40%	104 15,90%	179 27,30%	342 52,20%	4,26	0,92
Global						3,97	0,45

Nota: 1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Frequentemente; 5-Sempre.

As questões que tiveram as médias inferiores à média global, foram as seguintes: Sou corajoso com a média de 3,95 (desvio padrão de 1,08); Sou perseverante com uma média de 3,89 (desvio padrão de 1,10); Se decido fazer qualquer coisa ninguém me convence do contrário com uma média de 3,81 (desvio padrão de 1,09); Estou disposto(a) a fazer sacrifícios se espero uma recompensa a longo prazo com a média de 3,74 (desvio padrão de 1,14); Tento mesmo o impossível com a média de 3,73 (desvio padrão de 1,17); Sou ambicioso com a média de 3,68 (desvio padrão de 1,25). Esta leitura pode ser feita através dos resultados apresentados na Tabela 22.

Conclui-se a partir da Tabela 23, que as questões que obtiveram as médias superiores que à média global, foram: Gosto de descobrir coisas novas e originais para fazer com uma média de 4,09 (desvio padrão de 1,04); Penso que as pessoas que correm riscos, têm mais hipóteses que outras com média de 4,01 (desvio padrão de 1,02); A questão está pronto a desafiar tudo para conseguir algo em que acredito, tem a sua média igual a média global, com 3,98 (desvio padrão de 1,09).

Tabela 23: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Capacidade de Risco (n=655).

Itens	1	2	3	4	5	Média	Desvio Padrão
3.4. Sou capaz de falar de uma boa ideia mesmo que não esteja certo do seu sucesso.	34 5,20%	78 11,90%	151 23,10%	187 28,50%	205 31,30%	3,69	1,18
3.14. Aproveito todas as oportunidades.	20 3,10%	56 8,50%	129 19,70%	173 26,40%	277 42,30%	3,96	1,11
3.21. Estou pronto a desafiar tudo para conseguir algo em que acredito.	20 3,10%	54 8,20%	119 18,20%	188 28,70%	274 41,80%	3,98	1,09
3.26. Gosto de descobrir coisas novas e originais, para fazer.	10 1,50%	54 8,20%	105 16,00%	184 28,10%	302 46,10%	4,09	1,04
3.29. Para alargar o meu campo de hipóteses, estou pronto a fazer face ao insucesso.	34 5,20%	60 9,20%	144 22,00%	174 26,60%	243 37,10%	3,81	1,18
3.39. Tenho a impressão de que se não correr riscos vou estagnar.	25 3,80%	63 9,60%	129 19,70%	208 31,80%	230 35,10%	3,85	1,12
3.40. Vivo com intensidade.	24 3,70%	57 8,70%	142 21,70%	191 29,20%	241 36,80%	3,87	1,11
3.42. Adoro aventura.	25 3,80%	53 8,10%	150 22,90%	196 29,90%	231 35,30%	3,85	1,10
3.47. Penso que as pessoas que correm riscos têm mais hipóteses duque outras.	14 2,10%	43 6,60%	128 19,50%	210 32,10%	260 39,70%	4,01	1,02
3.48. Com o fim de aprender coisas novas dedico-me, com frequência, ao estudo de assuntos que não me são familiares ou que me são estranhos.	23 3,50%	46 7,00%	135 20,60%	203 31,00%	248 37,90%	3,93	1,08
Global						3,90	0,48

Nota: 1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Frequentemente; 5-Sempre.

Ainda, com base na informação apresentada na tabela anterior pode ver-se que as questões que obtiveram as médias inferiores à média geral, foram as seguintes: Aproveito todas as oportunidades com a média de 3,96 (desvio padrão de 1,11); Com o fim de aprender coisas novas dedico-me frequentemente ao estudo de assuntos que não me são familiares ou que me são estranhos com a média de 3,93 (desvio padrão de 1,08); Tenho a impressão de que se não correr riscos vou estagnar com a média de 3,85 (desvio padrão de 1,12); Adoro aventura média de 3,85 (desvio padrão de 1,10); Para alargar o meu campo de hipóteses estou pronto a fazer face ao insucesso com a média de 3,81 (desvio padrão de 1,18); Sou capaz de falar de uma boa ideia mesmo que não esteja certo do seu sucesso com a média 3,69 (desvio padrão de 1,18).

Observa-se a partir da Tabela 24 que as questões que registaram uma média inferior à média global, foram: Acredito em mim com a média de 3,90 (desvio padrão de 1,18); Os meus recursos são ilimitados com a média 3,86 (1,07); O que quer que aconteça sou sempre senhor(a) da situação com a média 3,81 (desvio padrão de 1,11).

Tabela 24: Resumo da estatística descritiva para a Dimensão Autoconfiança (n=655).

Questões	1	2	3	4	5	Média	Desvio Padrão
3.7. Acredito em mim.	30 4,60%	59 9,00%	137 20,90%	149 22,70%	280 42,70%	3,90	1,18
3.18. O que quer que aconteça, sou sempre "senhor(a)" da situação.	19 2,90%	75 11,50%	143 21,80%	194 29,60%	224 34,20%	3,81	1,11
3.24. Estou seguro daquilo que faço.	17 2,60%	41 6,30%	125 19,10%	188 28,70%	284 43,40%	4,04	1,05
3.25. Aceito, de boa vontade.	13 2,00%	40 6,10%	124 18,90%	170 26,00%	308 47,00%	4,1	1,03
3.38. Os meus recursos são ilimitados.	19 2,90%	52 7,90%	158 24,10%	198 30,20%	228 34,80%	3,86	1,07
3.41. Sou um(a) "batalhador(a)".	15 2,30%	38 5,80%	113 17,30%	209 31,90%	280 42,70%	4,07	1,01
3.50. Aceito desafios.	16 2,40%	42 6,40%	109 16,60%	192 29,30%	296 45,20%	4,08	1,04
3.51. Sou emocionalmente estável.	17 2,60%	42 6,40%	119 18,20%	209 31,90%	268 40,90%	4,02	1,04
3.54. Sou capaz de enfrentar qualquer situação.	7 1,10%	37 5,60%	132 20,20%	197 30,10%	282 43,10%	4,08	0,97
3.55. Tenho amor-próprio.	7 1,10%	41 6,30%	75 11,50%	168 25,60%	364 55,60%	4,28	0,96
Global						4,02	0,45

Nota: 1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Frequentemente; 5-Sempre.

A Tabela 24 apresenta ainda as questões que obtiveram as médias superiores que à média global, sendo elas: Tenho amor-próprio com a média 4,28 (desvio padrão de 0,96); Aceito de boa vontade com a média 4,1 (desvio padrão de 1,03); Aceito desafios com a média de 4,08 (desvio padrão de 1,044); Sou capaz de enfrentar qualquer situação com a média de 4,08 (desvio padrão de 0,97); Sou um(a) batalhador(a) com a média de 4,07 (desvio padrão de 1,01); Estou seguro daquilo que faço com a média de 4,04 (desvio padrão de 1,05). Sou emocionalmente estável com a média de 4,02 (desvio padrão de 1,04).

Na Figura 10 apresentam-se os valores globais médios para cada uma das dimensões/traços característicos de um estudante futuro empreendedor, bem como o respetivo desvio padrão. No sentido de melhor conhecer o comportamento das referidas dimensões pode visualizar-se, também na figura, a Capacidade Empreendedora (média de 3,98 e um desvio padrão de 0,35) apresentando uma avaliação positiva.

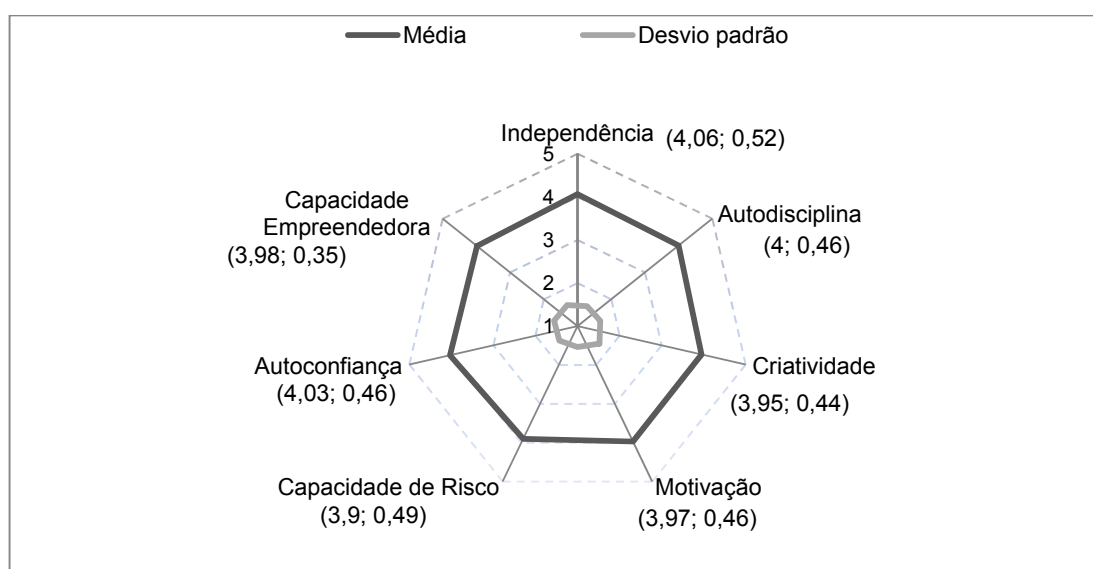


Figura 10: Resumo das Estatísticas Descritivas para as Dimensões/Traços característicos.

Em forma de síntese pode observar-se, pelos resultados produzidos na figura anterior, que 3 dimensões tais como, a Independência, Autoconfiança e Autodisciplina, registaram uma média superior à média global - Capacidade Empreendedora. Por outro lado, as dimensões Motivação, Criatividade e Capacidade de Risco registaram médias inferiores à média global - Capacidade Empreendedora. Todavia, pode dizer-se que todas as dimensões, bem como a variável latente Capacidade Empreendedora apresentaram valores satisfatórios, ou seja, registou-se uma avaliação positiva.

4.2. Validação das Hipóteses de Investigação

4.2.1. Os estudantes apresentam uma predisposição para o empreendedorismo

No presente ponto pretende-se dar resposta às diferentes hipóteses de investigação fixadas anteriormente e respetivo objetivo de estudo.

Relembrando a “1.^a hipótese de investigação: Os estudantes apresentam uma predisposição para o empreendedorismo”, na Tabela 25, apresenta-se a informação para dar resposta à mesma.

Assim, pode observar-se que todas as dimensões apresentam uma apreciação positiva, ou seja, apresentaram médias empíricas superiores às médias teóricas, sendo a apreciação superior para as Dimensões Independência, Autodisciplina e Autoconfiança. Por outro lado, em qualquer dimensão atingiu-se o máximo possível.

Ainda, tendo por base os resultados apresentados na Tabela seguinte, a pontuação global para a Capacidade Empreendedora para a média empírica é de 238,99 (desvio padrão de 21,054) superior ao valor previsto para a média teórica que é de 180, logo os valores obtidos indicam uma predisposição para o empreendedorismo. Por outro lado e com a aplicação do teste *t-Student* obteve-se um resultado de 71,707 (valor de prova <0,001) e 654 graus de liberdade, o que permitiu inferir que existem evidências estatísticas suficientes para que afirmar os estudantes apresentam uma predisposição para o empreendedorismo, assumindo um nível de significância de 5%.

Tabela 25: Capacidade Empreendedora vs Dimensões.

	Máximo Possível	Máximo Empírico	Média Teórica	Média Empírica	Desvio Padrão
Independência	50	50	30	40,55	5,154
Autodisciplina	50	50	30	40	4,618
Criatividade	50	50	30	39,49	4,433
Motivação	50	50	30	39,67	4,557
Capacidade de Risco	50	50	30	39,03	4,878
Autoconfiança	50	50	30	40,25	4,571
Capacidade Empreendedora	300	300	180	238,99	21,054

Pela análise efetuada aos resultados obtidos, os mesmos permitem corroborar a 1.^a hipótese de investigação.

4.2.2. Variável de caracterização sociodemográfica (gênero, província) vs Capacidade Empreendedora

Para a “2.^a hipótese de investigação: Existem diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográficas (gênero, sistema de ensino) relativamente à Capacidade Empreendedora”, vai aplicar-se o teste paramétrico *t-Student* para duas amostras independentes (gênero) e como se verificou a violação da normalidade para a aplicação do teste *One-Way ANOVA* para três amostras independentes (Ensino Superior, Ensino Médio Técnico e Ensino Profissional Básico), em alternativa a este vai aplicar-se o teste *Kruskal-Wallis*.

Tabela 26: Valor de prova para os testes paramétrico e não paramétrico.

Variável de natureza sociodemográfica	Teste	Valor de prova	Significância	Resultado
Gênero	<i>t-Student</i>	0,974	Não Significativo	Não corroborada
Sistema de Ensino	<i>Kruskal-Wallis</i>	0,002	Significativo	Corroborada

Pelos resultados apurados pode inferir-se que não existem evidências estatísticas suficientes para afirmar que as médias sejam significativamente diferentes, por gênero, relativamente à Capacidade Empreendedora, assumindo um nível de significância de 5%. Por outro lado, quando analisado o sistema de ensino, pode afirmar-se que existem diferenças significativas, pelo menos as distribuições de uma das amostras independentes é diferente das demais, assumindo um nível de significância de 5%. Assim, pelo exposto a segunda hipótese de investigação é validada parcialmente.

4.2.3. Relação entre a Capacidade Empreendedora e as diferentes dimensões

A “3.^a hipótese de investigação: A Capacidade Empreendedora encontra-se relacionada positivamente com as dimensões *Independência, Criatividade, Motivação, Autodisciplina, Autoconfiança, Capacidade de risco*”, foi testada recorrendo à utilização do coeficiente de correlação de *Spearman*, uma vez que se violou o pressuposto da normalidade.

Tabela 27: Relação entre a Capacidade Empreendedora e as Dimensões.

	<i>Independência</i>	<i>Criatividade</i>	<i>Motivação</i>	<i>Autodisciplina</i>	<i>Autoconfiança</i>	<i>Capacidade de risco</i>
Coefficiente de Correlação de <i>Spearman</i>	0,631	0,719	0,774	0,695	0,694	0,743
Valor de Prova	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001	< 0,001
n	655	655	655	655	655	655

Tendo por base a informação apresentada na tabela anterior pode dizer-se que todas as dimensões se encontram relacionadas direta e positivamente com a Capacidade Empreendedora, registando uma correlação elevada, pois registaram-se valores para o coeficiente de correlação de *Spearman* superiores a 0,5 e estatisticamente significativos, uma vez que o valor de prova para cada dimensão apresentou valores inferiores ao nível de significância de 5% (valor de prova <0,001). As dimensões que se encontram mais correlacionadas com a Capacidade Empreendedora são Motivação, Capacidade de Risco e Criatividade, todas apresentaram valores para o coeficiente de correlação superiores a 0,7. Por tal, a 3.^a hipótese de investigação foi corroborada.

4.2.4. Associação entre a Capacidade Empreendedora e a experiência empresarial familiar

Para a “4.^a hipótese de investigação: *Existe uma associação entre a Capacidade Empreendedora e a experiência empresarial familiar*” houve a necessidade de transformar a variável capacidade empreendedora numa variável qualitativa (capacidade empreendedora baixa e elevada) trabalhando-se para o ‘corte’ da série com a média teórica do score total de 180 pontos, sendo que valores superiores ou iguais a 180 pontos considerou-se uma capacidade elevada e inferiores considerou-se baixa.

Assim, através da aplicação do teste exato de *Fisher* (valor de prova=0,133) pode dizer-se que não existem evidências estatísticas suficientes para afirmar que as variáveis se encontram associadas, ou seja, são independentes, logo não se valida a 4.^a hipótese de investigação.

Ainda, para completar a informação pode dizer-se que dos 648 inquiridos que registaram ter capacidade empreendedora elevada cerca de 59% tem um familiar próximo que é empresário, sendo que 41% que registou ter capacidade empreendedora baixa não tem um familiar próximo que seja empresário. Dos 7 que declararam uma capacidade empreendedora baixa 28% tem um familiar próximo que seja empresário e 72% não tem um familiar próximo que seja empresário.

4.2.5. Relação entre a Capacidade Empreendedora e a idade

A “5.ª hipótese de investigação: Identificação dos traços característicos do futuro empreendedor” vai ser abordada fazendo refletir as médias globais encontradas para cada dimensão que mede a Capacidade Empreendedora num gráfico diferencial, com o propósito de delinear o perfil/traços característicos do estudante futuro empreendedor.

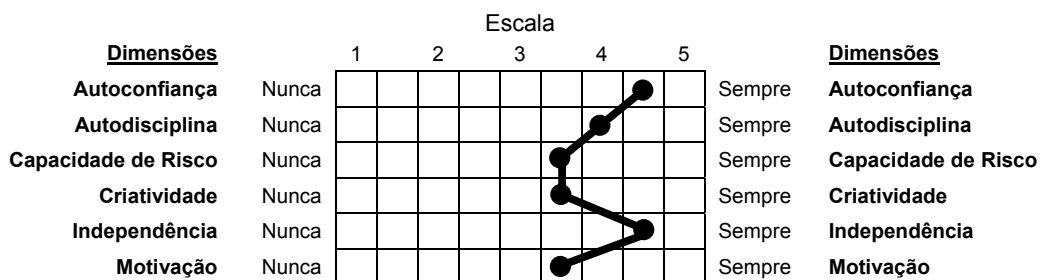


Figura 11: Traços Característicos do Futuro Empreendedor.

Assim, pode observar-se que existe uma predisposição ao empreendedorismo por parte dos estudantes, pois todas as dimensões apresentam médias empíricas superiores a 3 pontos, tal como já se tinha confirmado e explicado aquando da apresentação da Figura 10. É de realçar que os estudantes exteriorizam características de autoconfiança, autodisciplina e de independência, sendo estas as dimensões que mais marcam os traços característicos do futuro empreendedor.

4.3. Fatores de natureza sociodemográfica vs Perceção sobre o futuro do estudante, por género

Percebe-se a intenção empreendedora dos estudantes dos três subsistemas de ensino em função dos fatores sociodemográficos e do género. Assim, e de acordo com os dados da Tabela 28, pelo menos 318 indivíduos já tiveram alguma atividade profissional remunerada, sendo, 264 do género masculino e 54 do género feminino. Ainda de acordo com dados da mesma Tabela, verifica-se que 267 indivíduos do género masculino e 57 indivíduos do género feminino, não pretendem trabalhar na função pública, após o término das suas graduações. Constata-se também, que dos 317 indivíduos que após a conclusão da sua graduação pretendem criar uma empresa, 258 são do género masculino e 59 do género feminino. Pode verificar-se ainda, que dos 655 inquiridos, 611 pretendem criar o seu próprio negócio dos quais, 492 são do género masculino e 119 são do género feminino.

Tabela 28: Fatores de natureza sociodemográfica vs Percepção sobre o futuro do estudante.

	Género			
		Masculino	Feminino	Total
Atividade Profissional Remunerada	Sim	264	54	318
	Não	264	73	337
	Total	528	127	655
Trabalhar na Função Pública	Sim	261	70	331
	Não	267	57	324
	Total	528	127	655
Criar uma Empresa	Sim	258	59	317
	Não	270	68	338
	Total	528	127	655
Criar Negócio Próprio	Sim	492	119	611
	Não	36	8	44
	Total	528	127	655

De acordo com as informações da Tabela 29, conclui-se que o tempo de espera para iniciar os seus negócios a curto prazo é no máximo 2 anos ou varia entre 3 e 5 anos. Porém, esperam no máximo 2 anos, 260 indivíduos do género masculino e 68 do género feminino. Já entre 3 a 5 anos, esperam 148 indivíduos do género masculino e apenas 32 do género feminino. A longo prazo, esperam entre 6 e 10 anos, 59 indivíduos do género masculino e 12 do género feminino, e mais de 11 anos, 25 indivíduos do género masculino e 7 do género feminino.

Tabela 29: Tempo de espera para o início dos seus negócios.

		2 anos	Entre 3 a 5 anos	Entre 6 a 10 anos	Mais de 11 anos	Total
Género	Masculino	260	148	59	25	492
	Feminino	68	32	12	7	119
Total		328	180	71	32	611

Segundo os dados da Tabela 30, pode concluir-se que, dos 402 indivíduos para os negócios que pensam criar, 330 são indivíduos do género masculino e 72 são do género feminino e beneficiará o mercado angolano. Da mesma Tabela retira-se também, que para o mercado local, 224 respeitam a indivíduos do género masculino e 58 ao género feminino.

Tabela 30: Mercado a ser beneficiado pelos negócios.

		2 anos	Entre 3 a 5 anos	Entre 6 a 10 anos	Mais de 11 anos	Total
Género	Masculino	260	148	59	25	492
	Feminino	68	32	12	7	119
Total		328	180	71	32	611

A partir dos dados da Tabela 31, pode verificar-se que os riscos mais temidos, são os riscos do negócio falir, onde 226 são indivíduos do género masculino, 53 são do género feminino, os demais não temem nenhum tipo de risco. O outro risco mais temido, é o risco de incerteza quanto ao rendimento, onde 211 são do género masculino, 80 do género feminino, e os demais não temem qualquer tipo de risco.

Ainda de acordo com as informações da Tabela, pode verificar-se que o principal entrave para a criação de empresas em Angola é a burocracia governamental, referido por 280 indivíduos, dos quais 232 são do género masculino e 48 do género feminino. Outro entrave apontado foi a dificuldade de financiamento de privados (bancos, capital, de riscos, etc.), com 160 respostas referentes ao género masculino e 36 ao género feminino.

Tabela 31: Riscos temidos e Entraves para criar empresa em Angola e Iniciar um Negócio.

Riscos Temidos para iniciar Negócios									
Género					Género				
		Masculino	Feminino	Total			Masculino	Feminino	Total
Negócio Falir	Sim	226	53	279	Incertezas no Rendimento	Sim	211	47	258
	Não	302	74	376		Não	317	80	397
	Total	528	127	655		Total	528	127	655
Entraves a Criação de Empresa									
		Masculino	Feminino	Total			Masculino	Feminino	Total
Burocracias	Sim	232	48	280	Obter Financiamentos	Sim	160	36	196
	Não	296	79	375		Não	368	91	459
	Total	528	127	655		Total	528	127	655

Segundo as informações da Tabela 32, observa-se que os locais onde os inquiridos acreditam que devem ser ensinados conhecimentos de base à criação e gestão de um negócio são, em primeiro lugar as escolas secundárias, com 420 respostas favoráveis, das quais 336 respeitam a indivíduos do género masculino e 84 a indivíduos do género feminino. Seguem-se as escolas profissionais, com 375 respostas a favor, correspondendo 75 ao género feminino e 300 ao masculino. Depois, foram indicadas as escolas de formação profissional com 334 respostas (268 são do género masculino e 66

são do género feminino) e finalmente a organização de seminários/*workshops*, com 232 respostas, das quais 188 respeitam ao género masculino e 44 ao género feminino.

Tabela 32: Locais de ensino sobre a criação e gestão de um negócio.

Escolas Secundárias					Escolas Profissionais				
		Sim	Não	Total			Sim	Não	Total
Género	Masculino	336	192	528	Género	Masculino	300	228	528
	Feminino	84	43	127		Feminino	75	52	127
Total		420	235	655	Total		375	280	655

Formação Profissional					Seminários Workshops				
		Sim	Não	Total			Sim	Não	Total
Género	Masculino	268	260	528	Género	Masculino	188	340	528
	Feminino	66	61	127		Feminino	44	83	127
Total		334	321	655	Total		232	423	655

De acordo com as informações da Tabela 33, conclui-se que 357 indivíduos do género masculino e 171 do género feminino, acreditam que o sistema educativo angolano desenvolve predisposição para criarem a própria empresa.

Tabela 33: Afirmações sobre o sistema educativo angolano em relação ao empreendedorismo.

Género	Masculino	Feminino	Total
Enquanto estudante acredito que o nosso sistema educativo, desenvolve predisposição para criarmos a nossa própria empresa.	357	171	528
Enquanto estudante não acredito que o nosso sistema educativo, desenvolve predisposição para criarmos a nossa própria empresa.	87	40	127
Total	444	211	655

Perante o que foi apresentado ao longo do presente ponto pode concluir-se que:

A intenção empreendedora dos estudantes é influenciada pelos fatores sociodemográficos e do género.

De referir que dos 318 indivíduos que já tiveram alguma atividade profissional remunerada, a maioria é do género masculino e apenas 54 do género feminino.

Verificou-se também que do total de inquiridos (655), 324 não pretendem trabalhar na função pública após o término das suas graduações, sendo que 267 são estudantes do género masculino e 57 do género feminino.

Do total de inquiridos uma grande percentagem pretende criar uma empresa após a respetiva graduação, a maioria é do género masculino com 258 respostas a favor, comparativamente a 59 do género feminino.

Foi possível comprovar ainda, que dos 655 inquiridos, 611 pretendem criar o seu próprio negócio dos quais, 492 são do género masculino e 119 são do género feminino.

Quanto ao tempo de espera para iniciar os seus negócios, concluiu-se que a curto prazo é no máximo 2 anos ou varia entre 3 e 5 anos. Esperam no máximo 2 anos, 260 indivíduos do género masculino e 68 do género feminino. Já entre 3 a 5 anos, esperam 148 indivíduos do género masculino e apenas 32 do género feminino. Concluiu-se que a longo prazo, esperam entre 6 e 10 anos, 59 indivíduos do género masculino e 12 do género feminino, e mais de 11 anos, 25 indivíduos do género masculino e 7 do género feminino.

Pode concluir-se que são 402 indivíduos que pensam criar negócios que beneficiarão o mercado angolano e 282, o mercado local.

Os riscos mais temidos, são os riscos do negócio falir, 226 seguido do risco de incerteza quanto ao rendimento.

Os dois principais entraves para a criação de empresas em Angola, são a burocracia governamental e a dificuldade em obter financiamentos de privados (bancos, capital, de riscos, etc.).

Os estudantes inquiridos acreditam que o sistema educativo angolano desenvolve predisposição para criarem a própria empresa.

Conclusões e Futuras Linhas de Investigação

As principais conclusões a retirar da análise dos resultados são as seguintes:

A maior parte dos estudantes inquiridos, não têm a disciplina de empreendedorismo no plano curricular, mas acreditam na possibilidade de algum dia virem a criar a sua empresa ou o seu próprio negócio.

Os estudantes do Clese, face ao programa de formação a que são submetidos estão melhor formados e têm condições para vingarem no mundo dos negócios em relação aos demais estudantes que não têm formação específica em empreendedorismo.

As principais condições estruturais e os mecanismos de apoio ao empreendedorismo em Angola, existem e servem de catalisadores para os empreendedores.

A implementação da disciplina de empreendedorismo no ensino geral e técnico aumentará a população empreendedora e a cultura empreendedora no seio dos estudantes. Mas a criação dos Gabinetes de empreendedorismo nas instituições de ensino, traria maior consistência aos esforços evidenciados e haveria um acompanhamento pormenorizado dos futuros empreendedores.

A taxa de respostas, por instituições de ensino é mais representativa no IMPS com 22,4%, CFPC 20,3%, ISPKS 12,2%, IMAC 12,1%, INP 10,4%, CLESE 9,9%.

A taxa de resposta por cursos é maior nos cursos de Mecânica de Frio e Refrigeração 12%, no curso de Energia e Instalações Elétricas 11% e no curso de Empreendedorismo 10%.

Os anos académicos dos inquiridos, variam do 1.º Ano (Cursos de formação profissional e ensino técnico geral) ao 3.º Ano (finalistas), uma vez que a amostra global é constituída por 655 estudantes que responderam aos inquéritos, o que corresponde a uma taxa de resposta de 66%, sendo que 40,5% são estudantes do 1.º Ano, 9,5% são estudantes do 2.º Ano e 50% são estudantes do 3.º Ano.

A faixa etária dos inquiridos varia dos 14 aos 54 anos, pode dizer-se que se está perante uma população jovem uma vez que a idade média ronda os 22,49 anos (com um desvio padrão de 4,80).

A amostra por género é maioritariamente constituída por estudantes do género masculino com 80,6%, contra 19,4% do género feminino. Esta diferença pode dever-se ao facto de maioritariamente, os cursos serem direcionados para áreas de formação de tecnologias.

A informação inerente as províncias de origem dos inquiridos, o nível de respostas é superior na província do Kuanza Sul com 71,1%, Luanda com 12,7%, Benguela com 3,7% e Huambo com 1,8%.

Quanto às características económicas da amostra total (655), pode verificar-se, que quanto à atividade profissional remunerada, a maioria dos estudantes não tem ou não teve qualquer atividade

profissional remunerada, 51,5%. Por outro lado, também com um peso expressivo encontra-se com 48,5% a percentagem dos inquiridos que referiu que já teve atividade profissional remunerada.

Sobre o percurso aquando do término da graduação no concenrente ao empreendedorismo e perceção sobre o futuro, a intenção empreendedora a curto prazo, dos inquiridos depois de concluírem o seu curso pretendem trabalhar na função pública 50,5%, criar uma empresa 48,4%. Talvez uma justificação para o facto de os estudantes pretenderem trabalhar na função pública pode residir na situação em que o Estado ainda tem oferecido uma situação mais estável, quando comparado com as empresas privadas.

Quanto ao facto de possuir um familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós), que seja empresário, registam-se percentagens de respostas positivas 58,5% e respostas negativas 41,5%.

Sobre a possibilidade de algum dia vir a criar um negócio próprio, observa-se que 93,3% inquiridos, respondem positivamente e 6,7% responde que não vê a possibilidade de vir a ter o seu próprio.

Após a conclusão do curso os inquiridos esperam a curto prazo para iniciar o seu próprio negócio, no máximo 2 anos 50,1% e entre 2 a 5 anos 27,5%.

Os estudantes pretendem um dia criar o seu próprio negócio, 93,3% e beneficiar o mercado angolano 61,4%, seguindo-se o mercado local 43,1%, sendo que a internacionalização dos negócios não está nos seus planos.

Os riscos mais temidos ou receados pelos inquiridos, para criar um novo negócio são a possibilidade do negócio ir a falência 42,6% e incertezas quanto ao rendimento 39,4%.

Os principais entraves para a criação de uma empresa em Angola, são a burocracia de entidades governamentais 42,7% e dificuldades em obter financiamentos de privados (bancos, capital de riscos, etc.) 29,9%.

Os locais de ensino sobre os conhecimentos básicos de gestão e criação de um negócio, são, as escolas secundárias 64,1%, escolas profissionais 57,3%, formação profissional 51% e a existência de seminários e *workshops* 35,4%.

Os estudantes acreditam que o sistema educativo angolano desenvolve uma predisposição para ajudar a criar uma empresa, 67,8%.

Todas as dimensões, bem como a variável latente Capacidade Empreendedora apresentaram valores satisfatórios, ou seja, registou-se uma apreciação positiva.

É corroborado a 1.^a Hipótese de investigação: Os estudantes apresentam uma predisposição para o empreendedorismo.

É validada parcialmente a 2.^a Hipótese de investigação: Existem diferenças estatísticas por variável de caracterização sociodemográficas (género, sistema de ensino) relativamente à Capacidade Empreendedora.

É corroborada a 3.^a Hipótese de investigação: A capacidade empreendedora encontra-se relacionada positivamente com as dimensões Independência, Criatividade, Motivação, Autodisciplina, Autoconfiança, Capacidade de risco.

Não se valida a 4.^a Hipótese de investigação: Não existe uma associação entre a capacidade empreendedora e a experiência empresarial familiar.

É corroborada a 5.^a Hipótese de investigação: identificação do perfil e traços característicos do futuro empreendedor, existe uma predisposição ao empreendedorismo por parte dos estudantes, pois todas as dimensões apresentam médias empíricas superiores a 3 pontos.

Assim, tendo por base os resultados apresentados ao longo do trabalho sugere-se um estudo mais abrangente para todo o território nacional, fazendo uma divisão por zonas, Norte, Centro, Sul, Este e Oeste, uma vez que existem escolas técnicas em todas as províncias. Sugere-se, posteriormente, a comparação dos resultados obtidos com os estudos internacionais que possam ter sido realizados.

Por outro lado, recomenda-se ao governo local e estruturas a fim, à implementarem o ensino do empreendedorismo nos Centros de Formação Profissional, Pavilhões de Artes e Ofícios, bem como a realização de Seminários e Workshops sobre o Empreendedorismo.

Bibliografia

- Afonso, M. (2014). Formação de Empreendedorismo. (J. d. Angola, Entrevistador)
- Andersen, H., & Thomsen, M. (2005). Plano de Negócios. Obtido em 02 de 11 de 2014, de Thomsen Busines: <http://www.dynamicbusinessplan.com/quatro-tipos-empresarios>.
- Angop. (2012). Estudantes do Kuanza Sul são incentivados ao empreendedorismo. Obtido em 11 de 11 de 2014, de http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/sociedade/2012/10/45/Estudantes-Kwanza-Sul-incentivados-empresarios,6c7199ae-7f76-488e-849c-72b609496ad7.html
- Bartolomeu, P. (2014). Quais os tipos de projetos que foram aprovados no Ciclo Formativo de 2013, em que Municípios. (M. R. João, Entrevistador)
- Bastos, C. (2014). Jovens no Kuanza Sul são Formados em Empreendedorismo. *Jornal de Angola*, 06.
- Batista, M., & Pessoa, E. (2005). Tipos de empreendedorismo semelhanças e diferenças. Obtido em 07 de 11 de 2014, de <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/tipos-de-empresarios-semelhancas-e-diferencas/10993/>
- Boszczowski, A., & Teixeira, R. (2012). O Empreendedorismo Sustentável e o Processo Empreendedor: Em busca de Oportunidades de Negócios como Solução para Problemas Sociais e Ambientais. *Revista Economia e Gestão*, pp. 141-168.
- Castelar, R. (2014). Feira de Auto Emprego e Empreendedorismo. (R. Angola, Ed.) Luanda.
- CE (2005). Contribuir para a Criação de uma Cultura Empresarial - Um guia de boas práticas para a promoção de atitudes e competências empresariais através da educação. Luxemburgo: Publicações - DG Empresa.
- Chingala, A. (2012). O Empreendedorismo em Angola: Experiências de Angola. Luanda - Angola: Inefop - Mapess.
- Chirino, O. (2013). Mulheres empresarias em seminário sobre a gestão de empresas. Obtido em 11 de 11 de 2014, de <http://www.angola.mmi-e.com/blog/mulheres-empresarias-em-seminario-sobre-gestao-de-empresa>.
- Chitas, M. (2012a). Inaugurada a primeira incubadora de empresas no país. *Revista África Today*, pp. 05-06.
- Chitas, M. (2012b). O Papel do INAPEM. O Papel do Inapem é Apoiar e Educar o Empresariado. (C. Cardoso, Entrevistador) Luanda.

- Clever, E. (2011). Uma Discussão Sobre o Empreendedorismo. Revista Conteúdo, Capivari, pp. 13-21.
- Contreiras, L. (2013). Empreendedorismo em Angola. 7. (N. Jornal, Entrevistador)
- Costa, S. (2012). Tese de Mestrado em Empreendedorismo no Ensino Superior. Gestão. Porto - Portugal: Instituto Politécnico do Porto.
- Diário da República, I Série, Nº 21 de (05 de Novembro 2010). Aprova os Programas da Disciplina de Empreendedorismo a Introduzir nos Planos de Ensino Secundário. In I. N. E.P, Diário da República (pp. 3402-3432). Luanda - Angola: Imprensa Nacional - E.P.
- Dornelas, J. (2014). Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios. Obtido em 06 de 11 de 2014, de <http://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/jose-dornelas/>
- Europeia, C. (2003). Livro Verde Espirito Empresarial na Europa. Bruxelas: DG Empresas.
- Europeia, C. (2013). Livro Verde: Espirito Empresarial na Europa. Bruxelas: Publicações da DG Empresa.
- Faq- Empreendedorismo. (2012). Faq Empreendedorismo - Portugal. Obtido em 07 de 08 de 2014, de site http://www.rs4e.com/portal/FAQ_empreendedorismo_portugal
- Farmhouse, R. (2010). Empreender para Vencer. *Revista ACIDI*, p. 86.
- Ferreira, J. (2014). Angola Forma mais de 1000 Empreendedores a Nível Nacional. Mais de 1000 empreendedores são formados em Angola. (Portalangop, Entrevistador)
- Ferreira, M., Santos, J., & Serra, F. (2010). Ser Empreendedor Pensar, Criar e Moldar a Nova Empresa. Lisboa: Edições Sílabo.
- Fortes, R. (2013). Mortalidade Empresarial - Caso das Pequenas e Médias Empresas em São Vicente. Mindelo-Cabo Verde: Universidade de Mindelo.
- Francisco, D. (2014). Instituto Nacional de Petróleo uma Aposta na Indústria Petrolífera. *Jornal de Angola*, 15-16.
- GEM. (2012). Estudo Sobre o Empreendedorismo em Angola. Angola.
- Goleman, D. (2000). *Trabalhar com Inteligência Emocional - Temas e Debates*. Lisboa: 3ª edição.
- Gomes, M. (2014). Apoios do Governo ao Empresariado Nacional. (N. Jornal, Entrevistador)
- Gonçalves, A. (2013). Balcão Único do Empreendedor. *Jornal de Angola*, 15-16.
- Gonçalves, V. (2009). Empreendedorismo: do Ensino Básico ao Ensino Superior. Artigo Final do X Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação de 30 de Abril a 2 de Maio (pp. 1-9). Bragança - Portugal: IPB.

- Graça, E. (2012). O Cooperativismo no Combate ao Desemprego Jovem. *Revista Fórum Estudante*, p.1.
- Helena, N. (2012). Formação de empreendedores no Kuanza Sul. (A. A. Press, Entrevistador)
- Hirisch, R., Peters, M., & Shepherd, D. (2009). Empreendedorismo. Brazil: Artmed Editora S.A.
- Inide. (2012). Programa de empreendedorismo no ensino secundário. Obtido em 06 de 06 de 2013, de <http://www.portalinide.org/projectos/programa-de-empreendedorismo-no-ensino-secundario/>
- Isabel, M. (2013). Empreendedorismo em Angola. *Semanário o Sol.Pt*, 15-16.
- João, M. (2012). Projeto Terra do Futuro na Quibala. Obtido em 11 de 11 de 2014, de <http://www.terradofuturo.com/noticias/noticias-do-projecto/projecto-terra-do-futuro-na-quibala,-kwanza-sul.aspx>
- Liikanen, E. (2004). Contribuir para a Criação de Uma Cultura Empresarial - Um Guia de Boas Práticas para a Promoção de Atitudes e Competências Empresariais Através da Educação. Comissão Europeia, Luxemburgo.
- Lino, L. (2014). Empreendedorismo no Ensino Superior. Implementação da Disciplina de Empreendedorismo no Instituto Superior Politécnico do Kuanza Sul. (M. R. João, Entrevistador)
- Maria, A. (2014). Implementação da Disciplina de Empreendedorismo no Kuanza Sul. (M. R. João, Entrevistador)
- Martinez, R., & Joniliano, R. (2012). Relevância do Empreendedorismo como Disciplina nos Diversos Cursos do Ensino Superior. *Revista Hispíci & Lema*, Ano III, pp. 25-29.
- Matos, M. (2013). Ser Empreendedor: Vantagem e desvantagens de ser empreendedor ou empreendedora. Obtido em 05 de 11 de 2014, de <http://empreendedorismo.pt/tipos-de-empreendedores/>
- Miguel, G. (2014). Inovação e Empreendedorismo. (Portalangop.co.ao, Entrevistador)
- Monteiro, L. (2014). Programa Angola Investe. Luanda.
- Naia, A. (2009). Importância da Formação Inicial no Empreendedorismo. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Nonato, R. (2013). Empreendedorismo: Importância econômica e social. *Revista Administradores On Line*. Obtido em 05 de 08 de 2014, de <http://www.administradores.com.br>
- Oliveira, C. (2010). Empreendedorismo oportunidades para os emigrantes e potencialidades para Portugal. *Revista ACIDI*, p. 12.
- Oliveira, F. (2012). Empreendedorismo: Teoria e Prática. *Revista Especialize - Revista Online IPOG*, pp. 1-13.

- Pedro, V. (2013). Escola de Saúde Diminui a Fuga de Quadros do Kuanza Sul. *Jornal de Angola*, 14.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*, 5ª Edição. Lisboa: Edições Silabo.
- Portalangop.co.ao. (2014). Empreendedores endividados no Kuanza Sul. Obtido em 09 de 10 de 2014, de http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/economia/2014/6/31/Empreendedores-com-dividas-283-milhoes-kwanzas-Kwanza-Sul,bdddac04-7a48-4a0b-8182-53fb5d2280f3.html.
- Rodrigues, S. (2008). Manual Técnico do Formando: Empreendedorismo. ANJE: Associação Nacional de Jovens Empresários e EduWeb.
- Sarkar, S. (2010). Empreendedorismo e Inovação. 2ª Edição. Portugal: Escolar Editora.
- Sarkar, S. (2007). Empreendedorismo e Inovação. Lisboa: Escolar Editora.
- Sem Medo, J. (2012). Uma empresa Social de Empreendedores para Empreendedores. Uma forma cooperativa de empreendedorismo, p. 24.
- Semedo, R. (2014). Empreendedorismo e Desenvolvimento Local: Caso Município de São Lourenço dos Órgãos. Instituto Piaget, Ciências Contáveis. Cabo Verde: Piaget.
- Sentanin, L., & Barbosa, R. (2005). Conceitos de Empreendedorismo. *Revista Científica Eletrônica de Administração*, pp. 1-9.
- Severino, J. (2013). Apoios do Estado ao Empresariado. (Portalangop, Entrevistador)
- Silva, M. (2011). Programa Angola Jovem Apoia empreendedores no Kuanza Sul. Empreendedores são Apoiados com Kits e Recursos Financeiros. Sumbe, Kuanza Sul.
- Teixeira, C. (2012). Educação para o Empreendedorismo - Um estudo sobre o Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo. Portugal: Universidade de Coimbra.
- Umbonde, A. (2013). Educação e Formação Profissional. (A. A. Press, Entrevistador)
- Vitorino, A. (2010). Mecanismos de Apoios ao Empreendedorismo. *Revista ACIDI - Empreendedorismo*, p. 86.
- Zinga, A. (2007). Os Determinantes do Empreendedorismo - Um Estudo Empírico no Contexto Angolano. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Anexos



**ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE (APNOR)
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA**

**Mestrado em Gestão das Organizações
Ramo de Gestão de Empresas**

QUESTIONÁRIO

Manuel Raúl João, aluno do Mestrado em Gestão das Organizações – Ramo de Gestão de Empresas ministrado pela Associação dos Politécnicos do Norte (APNOR), no Instituto Politécnico de Bragança, no âmbito da preparação da Dissertação de Mestrado, cujo objetivo é **analisar a intenção e a capacidade empreendedora nos sistemas de ensino em Angola**, vem solicitar a vossa generosa colaboração no preenchimento deste questionário.

Este questionário é de **natureza confidencial**, respeitando o seu **anonimato**.

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO:

1. Leia por favor todas as questões antes de responder;
2. Responda a todas as questões com o máximo de sinceridade;
3. Não deixe nenhuma questão por responder, pois deixará de ter interesse para o estudo.

Muito obrigado pela sua colaboração.

1. Identificação.

Assinale com uma cruz a resposta que melhor descreve a situação (quando aplicável).

1. 1. Escola: _____

1.2. Sistema de Ensino

1.2.1. Subsistema de Ensino Superior

Curso _____

Ano que frequenta

1°	2°	3°	4°
1°	2°	3°	4°
1°	2°	3°	4°

1.2.2. Subsistema de Ensino Médio Técnico

Curso _____

Ano que frequenta

1.2.3. Subsistema de Ensino Profissional Básico

Curso _____

Ano que frequenta

1.3. Idade: ____ Anos

1.4. Sexo: Masculino

Feminino

1.5. De que província é oriundo: _____ Município: _____

1.6. Já teve alguma atividade profissional remunerada?

Sim

Não

1.7. Tem algum familiar próximo (pais, irmão, tios, avôs) que seja empresário?

Sim

Não

1.8. Já ouviu falar do CLESE?

Sim

Não

(CLESE: Centro Local de Empreendedorismo e Serviços de Emprego)

2. Percepções sobre o futuro.

Assinale com uma cruz a resposta que melhor descreve a situação.

2.1. Depois de concluir o seu curso, o que tenciona fazer?

Trabalhar na função pública

Trabalhar numa empresa multinacional

Trabalhar numa PME

Criar uma empresa

Outro (por favor, especifique)

2.2. Acredita na possibilidade de alguma vez vir a ter o seu próprio negócio?

Sim

Não (Se não passa para a questão 2.5)

2.3. Quantos anos pensa que irá esperar após a conclusão do curso para iniciar o seu negócio?

No máximo, 2 anos

Entre 6 a 10 anos

Entre 3 a 5 anos

Mais de 11 anos

2.4. O negócio que pensa criar irá beneficiar o mercado:

Local

Africano

Angolano

Mundial

Austral

Outro Qual

2.5. Se fosse iniciar um novo negócio, quais são os dois riscos que mais receia?

Incerteza quanto ao rendimento

A possibilidade de falha a nível pessoal

A insegurança no Trabalho

A possibilidade do negócio ir a falência

A possibilidade de sacrificar bens pessoais

Outro (por favor, especifique)

A necessidade de dedicar demasiado tempo nele

.....

2.6. Na sua opinião, quais são os dois principais entraves à criação de uma empresa em Angola?

Burocracia de entidades governamentais

Rigidez do mercado de trabalho

Clima económico desfavorável

Dificuldades em obter financiamento de privados
(bancos, capital de riscos, etc.)

Ausência de informação disponível

Outro (por favor, especifique)

Ausência de apoios financeiros por parte do estado

.....

Elevado montante necessário para criar uma empresa

2.7. Na sua opinião, onde deverão ser ensinados conhecimentos básicos sobre a criação e gestão de um negócio? (selecione aqueles que aches mais apropriado).

- Nas escolas secundárias
- Nas escolas profissionais
- No ensino superior: licenciatura
- No ensino superior: pós-graduação/mestrado
- Seminários/Workshops/cursos para executivos

- Formação profissional
- Em nenhum lugar, não pode ser ensinado
- Outro (por favor, especifique)

2.8. Qual das seguintes afirmações mais se adequam à sua opinião?

Enquanto estudante, acredito que o nosso sistema educativo desenvolve uma predisposição para criarmos a nossa própria empresa

Enquanto estudante, não acredito que o nosso sistema educativo desenvolve uma predisposição para criarmos a nossa própria empresa

3. Capacidade Empreendedora.

Selecione a frequência com que as situações seguintes ocorrem, assinalando com um círculo o número a que melhor corresponde.

1 Nunca	2 Raramente	3 Algumas vezes	4 Frequentemente	5 Sempre
--------------------------	------------------------------	----------------------------------	-----------------------------------	---------------------------

.1. Experimento fazer as coisas de diversas maneiras.	1	2	3	4	5
3.2. Sou motivado.	1	2	3	4	5
3.3. Utilizo com frequência, objetos comuns de uma forma original	1	2	3	4	5
3.4. Sou capaz de falar de uma boa ideia mesmo que não esteja certo do seu sucesso.	1	2	3	4	5
3.5. Termino o que começo mesmo que tal implique muito trabalho.	1	2	3	4	5
3.6. Tenho a faculdade de encontrar todo o tipo de soluções para os meus problemas.	1	2	3	4	5
3.7. Acredito em mim.	1	2	3	4	5
3.8. Sou capaz de trabalhar durante o tempo necessário para levar a cabo um projeto.	1	2	3	4	5
3.9. Tenho muita imaginação.	1	2	3	4	5
3.10. Tenho ideias inovadoras.	1	2	3	4	5
3.11. Tenho uma boa capacidade de concentração.	1	2	3	4	5
3.12. Estou disposto(a) a fazer sacrifícios se espero uma recompensa a longo prazo.	1	2	3	4	5
3.13. Tento mesmo o impossível.	1	2	3	4	5
3.14. Aproveito todas as oportunidades.	1	2	3	4	5
3.15. Sou tenaz (persistente).	1	2	3	4	5
3.16. Ponho em prática as minhas "boas" resoluções.	1	2	3	4	5
3.17. Procuo entender os meus erros para tirar partido deles.	1	2	3	4	5

3.18. O que quer que aconteça, sou sempre "senhor(a)" da situação.	1	2	3	4	5
3.19. Sou ambicioso.	1	2	3	4	5
3.20. Sou perseverante.	1	2	3	4	5
3.21. Estou pronto a desafiar tudo para conseguir algo em que acredito.	1	2	3	4	5
3.22. Estou aberto a ideais novas.	1	2	3	4	5
3.23. Relaciono-me com pessoas influentes.	1	2	3	4	5
3.24. Estou seguro daquilo que faço.	1	2	3	4	5
3.25. Aceito, de boa vontade, um elogio.	1	2	3	4	5
3.26. Gosto de descobrir coisas novas e originais, para fazer.	1	2	3	4	5
3.27. Tenho tendência para ser muito intuitivo.	1	2	3	4	5
3.28. Sou corajoso.	1	2	3	4	5
3.29. Para alargar o meu campo de hipóteses, estou pronto a fazer face ao insucesso.	1	2	3	4	5
3.30. Tenho tendência a revoltar-me contra a autoridade.	1	2	3	4	5
3.31. Ajo de acordo com o que penso.	1	2	3	4	5
3.32. Idealizar um projeto tira-me o sono.	1	2	3	4	5
3.33. A minha liberdade é um bem precioso.	1	2	3	4	5
3.34. Sou otimista.	1	2	3	4	5
3.35. Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho.	1	2	3	4	5
3.36. Gosto de tomar iniciativas.	1	2	3	4	5
3.37. Sou curioso.	1	2	3	4	5
3.38. Os meus recursos são ilimitados.	1	2	3	4	5
3.39. Tenho a impressão de que se não correr riscos vou estagnar.	1	2	3	4	5
3.40. Vivo com intensidade.	1	2	3	4	5
3.41. Sou um(a) 'batalhador(a)'.	1	2	3	4	5

3.42. Adoro a aventura.	1	2	3	4	5
3.43. Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário.	1	2	3	4	5
3.44. Tenho boa capacidade de adaptação.	1	2	3	4	5
3.45. Sempre que desejo fazer qualquer coisa, vejo claramente as consequências das minhas ações.	1	2	3	4	5
3.46. Gosto de responsabilidades.	1	2	3	4	5
3.47. Penso que as pessoas que correm riscos têm mais hipóteses de sucessos do que as outras.	1	2	3	4	5
3.48. Com o fim de aprender coisas novas dedico-me, com frequência, ao estudo de assuntos que não me são familiares ou que me são estranhos.	1	2	3	4	5
3.49. Sou responsável.	1	2	3	4	5
3.50. Aceito desafios.	1	2	3	4	5
3.51. Sou emocionalmente estável.	1	2	3	4	5
3.52. Consideram-me, por vezes, teimoso(a).	1	2	3	4	5
3.53. Mesmo que não seja agradável, faço o que é preciso.	1	2	3	4	5
3.54. Sou capaz de enfrentar qualquer situação.	1	2	3	4	5
3.55. Tenho amor-próprio.	1	2	3	4	5
3.56. Alegro-me, frequentemente, estar só.	1	2	3	4	5
3.57. Considero os meus problemas apostas a vencer.	1	2	3	4	5
3.58. Sou determinado.	1	2	3	4	5
3.59. Gosto de ser 'senhor (a) das situações'.	1	2	3	4	5
3.60. Sou uma pessoa motivada e desejo ser bem sucedido(a).	1	2	3	4	5

Obrigado pela colaboração.